



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE HISTÓRIA

EDIANA CIONARA ANTUNES BRACIAK

SOLDADOS BRASILEIROS NA II GRANDE GUERRA:
UM ESTUDO DA MEMÓRIA DOS COMBATENTES DO MUNICÍPIO DE GETÚLIO
VARGAS (RS)

ERECHIM
2017

EDIANA CIONARA ANTUNES BRACIAK

**SOLDADOS BRASILEIROS NA II GRANDE GUERRA:
UM ESTUDO DA MEMÓRIA DOS COMBATENTES DO MUNICÍPIO DE GETÚLIO
VARGAS (RS)**

**Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado para obtenção do grau em Licenciada em
História da Universidade Federal da Fronteira Sul.**

Orientadora: Profa. Msc. Caroline Rippe de Melo Klein

**ERECHIM
2017**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

BRACIAK, EDIANA CIONARA ANTUNES
SOLDADOS BRASILEIROS NA II GRANDE GUERRA: UM ESTUDO
DA MEMÓRIA DOS COMBATENTES DO MUNICÍPIO DE GETÚLIO
VARGAS (RS)/ EDIANA CIONARA ANTUNES BRACIAK. -- 2017.
94 f.:il.

Orientadora: Caroline Rippe de Melo Klein.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de HISTÓRIA
, Erechim, RS , 2017.

1. A SEGUNDA GRANDE GUERRA. 2. A FORÇA EXPEDICIONÁRIA
BRASILEIRA E SEUS HERÓIS. 3. AS MEMÓRIAS QUE A MORTE NÃO
LEVOU. I. Klein, Caroline Rippe de Melo, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Ediana Cionara Antunes Braciak

“Soldados Brasileiros na II Grande Guerra: Um estudo da memória dos combatentes do município de Getulio Vargas(RS)”

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientadora: Prof. Caroline de Mello Klein

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

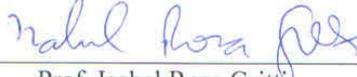
Banca examinadora:



Prof. Caroline de Mello Klein



Prof. Marcia Carbonari



Prof. Isabel Rosa Gritti

Aos familiares dos Veteranos de Getúlio Vargas
(RS).

AGRADECIMENTOS

As famílias depoentes, sem elas essa pesquisa não seria possível.

A minha orientadora, Carol, que me norteou e apoiou desde a escolha do tema da pesquisa, que mesmo de longe esteve sempre me auxiliando.

Ao meu companheiro que há nove anos me apoia e se empolga com as minhas escolhas e, que compartilhou comigo os medos e angustias desses últimos meses, Luan.

Aos meus fiéis colegas, Aline, Franci, Mônica, Rose e Rovian, com eles a caminhada se tornou mais leve. “O fundão também se forma”.

Eles vieram felizes, como
para grandes jogos atléticos:
com um largo sorriso no rosto,
com forte esperança no peito,
porque eram jovens e eram belos.

Marte, porém, soprava fogo
por estes campos e estes ares.
E agora estão na calma terra,
sob estas cruzes e estas flores,
cercados por montanhas suaves.

São como um grupo de meninos
num dormitório sossegado,
com lençóis de nuvens imensas,
e um longo sono sem suspiros,
de profundíssimo cansaço.

Suas armas foram partidas
ao mesmo tempo que seu corpo.
E, se acaso sua alma existe,
com melancolia recorda
o entusiasmo de cada morto.

Este cemitério tão puro
é um dormitório de meninos:
e as mães de muito longe
chamam,
entre as mil cortinas do tempo,
cheias de lágrimas, seus filhos.

Chamam por seus nomes,
escritos nas placas destas cruzes
brancas.
Mas, com seus ouvidos
quebrados,
com seus lábios gastos de morte,
que hão de responder estas
crianças?

E as mães esperam que ainda
acordem,
como foram, fortes e belos,
depois deste rude exercício,
desta metralha e deste sangue,
destes falsos jogos atléticos.

Entretanto, céu, terra, flores,
é tudo horizontal silêncio.
O que foi chaga, é seiva e aroma,
- do que foi sonho, não se sabe -
e a dor anda longe, no vento..

(MEIRELES, Cecília, 1955)

RESUMO

O presente trabalho trata sobre a recuperação da memória dos combatentes da Segunda Guerra Mundial, naturais do município de Getúlio Vargas no norte do Rio Grande do Sul. Para isso, foi utilizando entrevistas com familiares de três veteranos que participaram do conflito, e uma entrevista já transcrita e arquivada no Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas, ao qual se partiu dela para iniciar esse estudo, além do testemunho de um reservista do Exército que não pode ingressar no conflito, tudo isso com base nas metodologias de História Oral e, para se chegar com clareza na rememoração desse fato, a pesquisa de maneira contextual é baseada na análise de dois professores universitários, Ricardo Seitenfus e Francisco Cesar Alves Ferraz, acerca da participação do Brasil na Guerra e subsequente a isso e norteado por quatro dissertações em História se faz uma abordagem sobre a Força Expedicionária Brasileira, de modo que não fique um trabalho puramente revisionista, mas de análise mais aprofundada acerca do que a historiografia mostra sobre o fato. Além de contar com sete depoimentos de Veteranos de Guerra, já publicados pelo Exército Brasileiro no ano de 2001. Tendo como objetivo principal a memória desses veteranos, destaca-se a importância de recuperar parte da história dos militares do interior brasileiro que por vezes são esquecidos pelo povo que um dia defenderam. Sendo assim, essa pesquisa traz um avanço na história desses cidadãos getulienses esquecidos no tempo.

Palavras-Chave: Memória. História Oral. Veteranos.

ABSTRACT

The present work deals with the recovery of the memory of the combatants of World War II, natural of the municipality of Getúlio Vargas in the north of Rio Grande do Sul. For this, it was using interviews with relatives of three veterans who participated in the conflict, and an interview already transcribed and filed in the Historical and Geographical Institute of Getúlio Vargas, to which he left to begin this study, besides the testimony of an Army reservist who can not join the conflict, all based on Oral History methodologies and, to arrive clearly with the recollection of this fact, the research in a contextual way is based on the analysis of two university professors, Ricardo Seitenfus and Francisco Cesar Alves Ferraz, about the participation of Brazil in the War and subsequent to this and guided by four dissertations in History is done an approach on the Brazilian Expeditionary Force, so that there is not a purely revisionist, but more in-depth analysis of what historiography shows about the fact. In addition to having seven testimonies of Veterans of War, already published by the Brazilian Army in the year 2001. Having as main objective the memory of these veterans, it is important to recover part of the history of the military of the Brazilian interior that are sometimes forgotten by the people who once defended it. Thus, this research brings a breakthrough in the history of these getulienses citizens forgotten in time.

Keywords: Memory. Oral History. Veterans.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Navio de transportes de passageiros.....	46
Imagem 2 - Navio de transportes de passageiros.....	47
Imagem 3 – Veterano João Webber com as vestimentas da Segunda Guerra.....	49
Imagem 4 – Dia de neve nos campos de batalha na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.....	49
Imagem 5 – Avião usado em combates.....	50
Imagem 6 - Artificio bélico usado em combate pelos febianos.....	50
Imagem 7 – Veterano Luis Loss no desfile de Sete de setembro em meados da década de 90 no município de Passo Fundo.....	52
Imagem 8 – Veterano Jorge Roque Busatta com as vestes da associação dos ex-combatentes.....	53
Imagem 9 – Pertences de guerra do Veterano João Webber.....	54
Imagem 10 – Certificado de Reservista do Veterano João Webber.....	55
Imagem 11 – Certificado de reservista.....	58
Imagem 12 - Senhor Nilo Tochetto com 79 anos.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – A SEGUNDA GRANDE GUERRA.....	12
1.1.OS AUTORES E SUAS OBRAS	13
1.2.O CONFLITO	15
1.3. ENVOLVIMENTO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA	17
CAPÍTULO 2. A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS	24
2.1.AS DISSERTAÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO	25
2.2.A CRIAÇÃO DA FEB	28
2.3. HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO	32
2.4.DO PATRIOTISMO AS BARBÁRIES: UMA SÍNTESE DE SETE VETERANOS DA GUERRA	33
CAPÍTULO 3 – AS MEMÓRIAS QUE A MORTE NÃO LEVOU	40
3.1.A HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA	41
3.2.AS HISTÓRIAS REMEMORADAS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
FONTES.....	63
APÊNDICES.....	64
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

As guerras são atrocidades que ocorrem desde os primórdios da humanidade, que percorrem o planeta reestruturando territórios e gerações. A maior de todas já registrada aconteceu no século XX, dentre 1939 e 1945, tomando proporções mundiais, guerra esta que até nos dias de hoje causa inquietações, os números de que dela surgiram são assombrosos, tanto em relação aos países que se envolveram, quanto nos aproximadamente 60 milhões de pessoas que nela e por ela morreram.

O Brasil entra tardiamente no conflito e, em junho de 1944 envia mais de 25 mil soldados para as frentes de batalhas do norte italiano, dentre esses oficiais, aviadores, médicos, enfermeiras e civis, compunham a Força Expedicionária Brasileira. Esses combatentes vivenciaram diferentes momentos durante o conflito, trazendo com si as memórias, significados particulares e as perspectivas da sua participação na Guerra. Em vista disso, o exercício da rememoração é tomado de possibilidades subjetivas acerca das narrativas sobre as experiências desses indivíduos, quanto da própria atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial.

Quando pesquisado/estudado sobre o maior conflito bélico mundial, tanto na academia quanto nas escolas, instruem-se apenas as informações mais gerais desse acontecimento. Com grande número de fontes relacionado à participação do Brasil na Segunda Guerra é possível observar as lacunas que existem em relação a ida dos militares provindos do interior e, em questão, do Alto Uruguai (RS).

Portanto, esse trabalho tem por objetivo alcançar o entendimento acerca da participação dos praças naturais do município de Getúlio Vargas (RS), através dos testemunhos das famílias desses veteranos que trouxeram da Itália apenas as lembranças dos dias em que estiveram junto a FEB. Para, além disso, recuperar a história desses homens esquecidos por uma sociedade que um dia defenderam. E, para alcançar esse grande objetivo conta-se com a realização de entrevistas com os familiares de três expedicionários mapeados, percebendo assim, as memórias e o que trouxeram na bagagem de volta ao Brasil, porém é importante salientar que esses membros da FEB – pesquisados nesse trabalho – já são falecidos, por isso, as memórias que levantamos é o que as famílias contam, o que mais marcou filhos e netos sobre o fato.

Para isso, essa pesquisa parte de uma garimpagem pelo Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas, com o intuito de localizar esses ex-combatentes. Chegado aos

três militares objetos desse estudo, o trabalho se norteia pelos métodos da História Oral que com o uso da memória dos familiares desses homens chega-se ao entendimento acerca de sua participação na Guerra.

Assim sendo, o trabalho está dividido em três capítulos, onde o primeiro traz uma abordagem em relação à Segunda Guerra e a entrada brasileira nela, através dos estudos feitos pelos professores universitários, Francisco César Alvez Ferraz e de Ricardo Seitenfus dentro do recorte temporal de cinco anos – 2003 à 2008. Dessa maneira, escolheu-se esses dois pesquisadores, pois ambos são leituras e estudiosos de renome no assunto quando se trata da participação do Brasil na II Guerra, logo, busca-se fazer uma análise historiográfica a partir do que esses autores escrevem e pesquisam em virtude de sua relevância no campo da História.

Dessa forma, seguindo os preceitos metodológicos da análise da historiografia e das últimas tendências de publicação, o segundo momento dessa pesquisa se direciona a contextualização da Força Expedicionária Brasileira, para isso, contemplou-se quatro dissertações de mestrado em História oriundos de universidades federais do país. Além disso, o capítulo trata dos testemunhos de sete veteranos de Guerra, narrativas estas, dispostas na Coleção de História Oral do Exército Brasileiro sobre a Segunda Guerra Mundial, publicados no ano de 2001.

O terceiro capítulo traz em destaque os depoimentos dos familiares dos Praças de Getúlio Vargas, coletadas dentre os meses de Junho à Agosto deste ano (2017), esse capítulo da pesquisa conta com imagens dos acervos das famílias dos ex-combatentes e dos reservistas entrevistados, tendo como ponto de partida um depoimento coletado pelo Instituto Histórico e Geográfico da cidade de Getúlio Vargas para que esse estudo fosse adiante. Ademais, em concatenação com esses depoimentos é feita uma breve contextualização acerca do método da História Oral. Logo, esse estudo tem uma questão chave que perpassa toda a pesquisa e a serve como guia para a mesma, dessa forma, através da entrevista concedida ao Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas e o mapeamento dos combatentes que foram para a Guerra, se busca perceber nessas falas como era o dia-dia dos soldados no *front* e as demais questões bélicas e sociais que os envolviam nesse conflito.

Com diversas lacunas relacionadas aos estudos acerca dos militares provindos do interior brasileiro, esta pesquisa tornasse relevante ao recuperar as lembranças desses indivíduos sobre a ida deles e em destaque a dos norte gaúchos no ano de 1944 ao lado dos aliados na II Guerra e para, além disso, conhecer aqueles que um dia lutaram para defender o país e os interesses governamentais.

CAPÍTULO 1 – A SEGUNDA GRANDE GUERRA

“O grande edifício da civilização no século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o Breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam.”

(Eric Hobsbawm)

As heranças da Primeira Guerra Mundial (1914 -1919) estavam diretamente ligadas à Alemanha, os tratados propostos pelos vencedores da guerra - França, Inglaterra e Itália - eram humilhantes para o povo alemão, tendo que arcar com as consequências da guerra, e vendo a economia do país afundar, a crise alemã foi tamanha que possibilitou o avanço dos regimes totalitários ao poder. Além da economia, o país perde territórios, inclusive os conquistados nos períodos que antecedem a Grande Guerra.

A Segunda Guerra Mundial, resultante das consequências do pós-primeira Guerra, será o mote desse capítulo, tal assunto possui inúmeros estudos voltados a compreender o que levou sua eclosão, como foi e o que ela ocasionou, um dos fatores que engrandecem grande parte de fontes primárias e sobre esse tema é a participação dos atores sociais do conflito. Passados 72 anos do término dos enfrentamentos, ainda é possível contemplar os testemunhos dos participantes da Guerra.

Na busca de fontes bibliográficas para compor este estudo, nos deparamos com inúmeros títulos de autorias internacionais e nacionais e, em sua maioria não se concentram na participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, com isso, para tecer este capítulo do trabalho, pesquisou-se por autores nacionais residentes na região Sul, que tivessem carreira docente em instituições públicas e possuíssem publicações de pesquisas relacionadas à entrada do Brasil no conflito. Como justificativa para escolha desses dois autores, está o fato de poder analisar de que forma essa produção historiográfica se exprime em dois professores que possuem vastas publicações sobre o assunto e são referências relevantes em relação à Segunda Guerra Mundial, é importante perceber a narrativa de ambos sobre o conflito, se atentando as fontes de pesquisa que utilizaram nas suas obras.

Dois estudiosos foram escolhidos para compor essa análise: Ricardo Seitenfus, gaúcho de Sobradinho e professor aposentado pela Universidade Federal de Santa Maria-RS, possui 48 livros publicado desde 1985, mais de 27 artigos e 27 capítulos de livros destinados a diversos temas da história contemporânea. Francisco César Alves Ferraz, paulista do

município de Bauru, com quatorze capítulos e 5 livros completos, Ferraz é professor da Universidade Estadual de Londrina-PR, e enfatiza suas pesquisas em importantes acontecimentos bélicos no mundo moderno.

A vista disso, este capítulo conta com a obra mais atualizada de Seitenfus, oriunda da sua tese de doutorado, “O Brasil vai à Guerra”¹ (2003), o capítulo “A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial”² que compõem a obra “Da Vida Para a História, Reflexões Sobre a Era Vargas” e, de Francisco Ferraz “Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial”³ e o capítulo “Brasil e Segunda Guerra”⁴ que faz parte do livro “Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX”, ambos estudos delimitado no recorte temporal de meia década - 2003 à 2008.

De forma a analisar como que os professores historiadores trazem a Segunda Guerra e a entrada do Brasil nela, o capítulo se dividirá em três momentos, o primeiro ponto será uma breve contextualização das obras e dos autores, objetos deste estudo, no segundo momento será analisada a exposição do conflito mundial e terá como base as obras completas dos historiadores e, em seguida se explorará a entrada do Brasil nela, com base nas obras e nos capítulos, sempre buscando ponderar sobre as obras selecionadas e o que nelas se aproximam ou divergem.

Destarte, ressalta-se que este capítulo não tem como objetivo fugir do olhar de Ricardo Seitenfus e de Francisco César Alves Ferraz sobre os temas já postos, ou trabalhar no formato de resumo dos assuntos, nem tão pouco comparar as obras em questão com outros estudos já publicados sobre as mesmas temáticas.

1.1. OS AUTORES E SUAS OBRAS

O historiador Ricardo Seitenfus, natural do distrito de Arroio do Sal na cidade de Sobradinho no interior do Rio Grande do Sul, possui três graduações, sendo elas em Ciência Política, Economia do Desenvolvimento e em História Moderna e Contemporânea, seu

¹ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. 365 p.

² SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p. 127-134.

³ FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.79.

⁴ FERRAZ, Francisco César Alves. BRASIL E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org.). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Seculo XX: As Grandes Transformações do Mundo Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 91-94.

doutorado é na grande área da Ciências Humanas. Doutorado que lhe rendeu a tese intitulada como: *Le Brésil de Getúlio Vargas et la formation des blocs (1930-1942) - Le processus de l'engagement brésilien dans la Seconde guerre mondiale*, que mais tarde teria três publicações de livros completos.

O estudo de autoria do Seitenfus utilizada neste capítulo é a versão mais atualizada de sua tese de doutorado realizada em Genebra, escrita no francês teve a primeira versão traduzida e publicada no português em 1985, passa pela primeira revisão e edição sendo publicada pela segunda vez no ano 2000, e a terceira edição, que é usada neste capítulo é publicada em 2003.

Na obra “O Brasil vai à Guerra”(2003), o autor aborda os fatos de cunho político e econômico, trazendo os fatores primordiais na relação internacional brasileira na década de 30 e do início de 40, com o método de análise e confrontações críticas de suas fontes, compondo a edição mais ressamte de sua tese, o autor acrescenta biografias e exclui outras, não interferindo no conteúdo do livro.

O capítulo escrito por Ricardo, “A vida e a História: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial”, é um dos que compõem o livro com os resultados do “seminário internacional da vida para a história – o legado de Getúlio Vargas”, realizado no ano de 2004 no município de Porto Alegre-RS. Seitenfus aborda às prerrogativas de sua pesquisa a cerca do Brasil e seu governo no maior conflito bélico mundial. O historiador narra a seus leitores a necessidade de se ter um bom tema, mas que, além disso, o alcance às fontes é de extrema inevitabilidade para uma boa pesquisa. O professor comenta que mesmo com dificuldades de alcançar as fontes necessárias para a elaboração de seu estudo, foi o primeiro pesquisador a acessar “fontes italianas manuscritas sobre a América Latina e, principalmente sobre o Brasil”⁵.

Com apenas oito páginas o autor dá ênfase a sua tese, dando pequenas explicações da participação do governo que ia contra sua ideologia ditatorial – tendo em vista o comando ditador de Adolf Hitler na Alemanha. O autor aborda esse período bélico direcionando para o contexto governamental da era Vargas.

O segundo estudioso analisado neste capítulo é o professor historiador Francisco César Alves Ferraz, natural do município de Bauru distante 300km da capital paulista, é professor no curso de História da Universidade Estadual de Londrina no estado do Paraná, possui

⁵ SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p.129.

graduação, mestrado e doutorado em História, atuando principalmente nas áreas militares, Segunda Guerra e da FEB⁶.

A obra completa do autor a ser trabalhada é “Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial” (2005). O texto de Ferraz faz uma transposição didática⁷ acerca da participação do Brasil no conflito, dando uma breve contextualização sobre a guerra em si. É uma obra que se comparada com “O Brasil vai à Guerra” é demasiadamente curta, porém aborda os principais pontos sobre cooperação brasileira com os Aliados.

Além do livro, será usado um capítulo que compõem a obra, “Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX”. Capítulo intitulado como “Brasil e Segunda Guerra Mundial”⁸ foi publicado no ano de 2004 e aborda cronologicamente aspectos das negociações entre Brasil, Estados Unidos e a Alemanha, além de pontuar questões relevantes sobre a ida da FEB aos *fronts*.

A obra completa do professor gaúcho possui mais de 355 fontes que embasam seu estudo, dentre elas encontra-se artigos, jornais, depoimentos, livros e documentos, já no capítulo selecionado para compor este trabalho o autor usa o próprio livro “O Brasil vai à Guerra” como referencia. Já o autor paulistano não faz uso de grandes números de estudos para dar fundamento a sua obra, no livro completo ele usa dezesseis referencias bibliográficas e entre elas encontra-se o obra de Seitenfus usada neste capítulo, e no capítulo de autoria do paulistano faz-se uso de dez referencias bibliográficas.

1.2. O CONFLITO

O primeiro dia do mês de Setembro de 1939 tornou-se o marco inicial da Segunda Guerra Mundial. Na Europa o movimento de tanques e soldados alemães era visível a olhos nus, durante a madrugada a Polônia foi brutalmente invadida pela Alemanha Nazista, o conflito tinha o objetivo de ser apenas uma “guerra-relâmpago”⁹, mas as proporções que atingiria seria algo antes impensável.

O professor Ferraz, em sua obra “Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial” (2005) trata o conflito de forma perfunctória, dedicando apenas seis páginas da obra e tratando o

⁶ Quando visto a sigla FEB no decorrer do texto, lê-se Força Expedicionária Brasileira.

⁷ O conceito de Transposição didática se refere ao ato de transformar um conteúdo científico e de difícil compreensão para uma primeira leitura em um conteúdo mais acessível e didático.

⁸ FERRAZ, Francisco C. A.. **Brasil e Segunda Guerra Mundial**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.) et al.. (Org.). Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX. 1ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, v. , p. 91-94

⁹ FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.11.

assunto como uma introdução ao tema destaque que é o envolvimento brasileiro na guerra. Já Ricardo Seitenfus na obra “O Brasil Vai à Guerra” (2003) não se detém a analisar e contextualizar as batalhas e os porquês da guerra no geral, o autor se dedica às fases do envolvimento brasileiro com o conflito, minuciando a aproximação com os Aliados e o desligamento com o Eixo, também como, as questões políticas e econômicas que surgiram no período de 1930 à 1945.

Ao iniciar a leitura de Ferraz (2005), destacam-se as abordagens a cerca do nacionalismo alemão que, com a crise do final da década de vinte, levou a ascensão de Hitler em 1933 ao governo, desenvolvendo assim, a “política de exaltação da nacionalidade germânica e perseguições sistemáticas aos judeus e comunistas alemães acusados de terem traído a Alemanha na “Grande Guerra””.¹⁰

Seitenfus (2003), de forma pontual aborda as perseguições que os comunistas e judeus sofreram na comunidade alemã no Brasil.¹¹ Cabe aqui lembrar que este autor se detém na Guerra perante o Brasil, e não desta para com o mundo. O historiador destina um subcapítulo da obra a influência que os “brasileiros natos” que são “ao mesmo tempo considerados alemães”¹² sofreram com os avanços do regime totalitário no poder germânico. O governo brasileiro só irá se preocupar com as intervenções no ano de 1936 quando através do Itamaraty propõem o fim nos desarranjos a cerca da nacionalidade dos cidadãos em questão.¹³

O ano de 1940 recebe apontamentos dos dois historiadores devido aos avanços do conflito pelas fronteiras, segundo Seitenfus (2006, p.196) “as tropas alemãs ocupam a Holanda, preparando assim o terreno para invasão da França”, no dia quatorze de junho do mesmo ano, as tropas germânicas chegam a Paris levando a satisfação da Alemanha em relação a sua guerra relâmpago. “A França derrotada; a Inglaterra, na defensiva; a Itália associa-se à Alemanha declarando guerra aos Aliados”.

Em parte, Francisco César Alves Ferraz (2005) aborda os acontecimentos do ano mesmo ano de forma similar ao do gaúcho Seitenfus. Ele explana a invasão alemã na França e nos Países Baixos, com o sucesso das tomadas, a Itália entra no conflito ao lado do Eixo, visando uma provável invasão à Inglaterra. Os Estados Unidos passariam a apoiar a Grã-

¹⁰ Idem, p.10.

¹¹ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. p.25.

¹² A lei de 21 de maio de 1935 impõe a todo cidadão Alemão - mesmo que residente em outros países - a prestarem serviços militares na Alemanha, mas as autoridades do III Reich se basearam na lei de 1913 que submete a todos os cidadãos de origem alemã - não levando em conta o local de nascimento - aos serviços militares. (SEITENFUS, 2003.)

¹³ Idem, p.29.

Bretanha mesmo não tendo declarado estado de beligerância. Em outubro a Itália invade a Grécia, os Bálcãs e o Norte da África, iniciando os combates no Mediterrâneo.

Em pouco tempo de combate os alemães dominaram o norte da África, chegando as “colônias francesas do Senegal”. Era a maior aproximação ao continente Sul Americano, e as ilhas como as de Fernando de Noronha se tornaria um almejado ponto de abastecimento de aviões das rotas intercontinentais.¹⁴ Ferraz encerra a contextualização dos quesitos da Segunda Guerra Mundial, afirmando o quão prejudicial seria o ataque alemão as ilhas nordestes do norte brasileiro, lesando as transações de materiais bélicos para os serviços estadunidenses. Já Seitenfus (2003) comenta sobre os avanços de fronteiras minuciando pequenas contextualizações do período belicoso, assim como quando apontado sobre “o ambiente europeu” e o “ambiente americano”¹⁵.

De forma bastante superficial Ferraz (2004) trás o fim da Segunda Guerra Mundial no ano de 1945 em apenas uma frase: “Em 22 de maio, as tropas alemãs se rendiam incondicionalmente em toda a Itália. A Guerra terminava para os brasileiros.” Observa-se que este autor trás a data do fim do conflito afirmando seu termino para os brasileiros, deixando para o leitor a pergunta se avia acabado a Guerra para todos os envolvidos ou só para os praças. Nas duas obras analisadas nota-se a falta de explanações a cerca do fim da Guerra, como que a mesma ocorreu. Seitenfus não trás resquícios sobre o termino do conflito, tão pouco sobre a volta para casa dos militares brasileiros.

Por fim, a análise do breve tema da Segunda Guerra Mundial nos dois livros, o leitor pode sentir falta de uma maior contextualização do conflito, mas em ambos, o que foi proposto, foi cumprido. Em momentos da leitura nota-se divergência de ordem cronológica e, cabe a compreensão, devido os minuciosos detalhes deste período de turbulências mundiais, além disso, os autores possuem fontes de análises divergentes.

1.3. ENVOLVIMENTO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA

Os anos do entre Guerras marcaram um período de disputas de influências sobre o Brasil, de um lado o Totalitarismo Alemão, de outro a Democracia Estadunidense, e os interesses do governo Vargas em firmar parcerias comerciais, visando investimentos nos

¹⁴ FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.13.

¹⁵ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. p.197.

setores econômico e armamentista do país, assim como, a visão de que a participação na guerra seria um “atalho”¹⁶ para a ascensão brasileira.

Com a análise dos dois capítulos e das duas obras completas selecionadas, observa-se uma grande diferença entre ambas. Seitenfus (2003) inicia seu livro contextualizando os principais aspectos que influenciaram na caminhada do Brasil rumo a Segunda Guerra Mundial, principiando com a crise de 30 e narrando todos os entraves do comércio exterior no período que antecede a eclosão do conflito até a ida brasileira para a Itália. Além disso, o autor é minucioso ao tratar sobre as ideologias dos governos envolvidos.

Já no capítulo explorado, também da autoria de Seitenfus (2004), faz-se uma abordagem esclarecedora acerca do quão latente era o nacionalismo em meio aos governantes do país, por mais que o capítulo possua outro viés de pesquisa¹⁷, devem ser levados em consideração os anos de publicações destes trabalhos. O capítulo “A vida e a História: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial” nada mais é que um apanhado de informações a cerca do governo Vargas retiradas da tese de doutorado do autor (1985).

Diferente do historiador gaúcho, Francisco César Alves Ferraz em sua obra completa direciona-a as abordagens sobre a participação do Brasil na Guerra, – como já comentadas no ponto anterior – sendo expostas através da transposição didática, levando a escassez de detalhes mais precisos. Mesmo que o autor não se adentre em diversos assuntos, o tema aqui analisado é propositalmente exposto com leveza sem grandes paradigmas e dificuldades de uma primeira leitura sobre o assunto.

No capítulo “Brasil e Segunda Guerra”, também de autoria de Ferraz, o formato de apresentação se mostra diferente ao da obra completa acima citada, o texto é marcado cronologicamente, ou seja, o autor narra os acontecimentos comerciais da participação do Brasil no conflito encima dos anos que se sucederam a Segunda Guerra, além de fazer uso de uma linguagem acadêmica e um tanto quanto mais rebuscada que a do livro, o autor tem como ponto chave as dificuldades que um país periférico e pobre como o Brasil passaria ao entrar em uma Guerra Mundial.

Então, cabe a este ponto adentrar na contextualização sobre a visão de que cada obra e autor trazem sobre o tema. Para além do formato com que os historiadores abordam o assunto, analisar como se deu a entrada do Brasil na Guerra e se esse recorte temático possui divergências entre os textos selecionados.

¹⁶ FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.16.

¹⁷ O capítulo é direcionado para a vida de Getúlio Vargas no período da Segunda Guerra Mundial.

Seitenfus (2004) inicia seu capítulo com uma menção ao papel do historiador que, cabe aos estudos analisados e para a construção deste se imergir no contexto da época em que se dá o fato estudado, além do mais em ambos os textos os autores não criticam as escolhas tomadas nas décadas de 30 e 40. Apenas expõem o que suas pesquisas em documentos e bibliografias resultaram.

Se posto em linha cronológica os quatro textos, se terá o livro “O Brasil vai à Guerra”(2003) com os temas iniciais das questões que antecedem o conflito, assim como, a crise internacional no início da década de 30 alegando que esta ocasionou a queda na valorização do café, que até então era o principal produto brasileiro comercializado, o país seguia no viés da monocultura tendo que dali em diante buscar a industrialização e modernização comercial e armamentista para que a economia e a segurança brasileira evoluísse.

Esse baque na economia do país levou a convicção que o Brasil não poderia mais depender dos fatores externos e a necessidade da implantação de um “complexo de siderúrgicas” era considerado um “problema básico da economia brasileira”. A partir de outubro do mesmo ano, os planos getulistas eram focados na implantação do complexo, “condicionando a atitude brasileira em relação à Alemanha e aos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial”.¹⁸

A prioridade do governo brasileiro em trazer a industrialização e a melhoria nos armamentos para o país aparece em ambos os estudos analisados, Seitenfus (2003) usa dessa informação para afirmar que este seria um dos principais motivos da entrada brasileira no conflito, já em seu capítulo o autor traz a UNE (união nacional dos estudantes) como um dos fatos que levaram o Brasil a entrar na guerra. No entanto, Ferraz (2005) expõem sobre a corrida entre EUA e Alemanha para serem o investidor e assim ganhar um aliado importante na América do Sul. No mesmo viés do porque o Brasil teria entrado na Segunda Guerra Mundial, em sua obra completa Ferraz trás três motivos:

A participação brasileira na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) efetuou-se em três modalidades: (1) o fornecimento de produtos estratégicos para o esforço bélico dos aliados; (2) a cessão de bases aéreas e navais, no Nordeste brasileiro, para operações de abastecimento e transporte das forças armadas norte-americanas; (3) o envio de uma força expedicionária ao teatro de operações europeu. (FERRAZ, 2004, p.91)

¹⁸ SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. p..4.

Na questão da ligação comercial e diplomática que o Brasil mantinha com a Alemanha antes mesmo de surgirem os murmúros de um conflito, Seitenfus (2003) comenta que as exportações de café e algodão era o elo entre o comércio triangular¹⁹, e as questões relacionadas aos investimentos siderúrgicos em um país como o Brasil, possuidor apenas de matérias primas viriam a calhar com o interesse da Alemanha tanto quanto dos Estados Unidos.

O historiador paulistano (2005) é inequívoco quando traça as questões de interesse dos governantes brasileiros, “os Generais Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Goes Monteiro, manifestavam apoio a um acordo com os alemães” enquanto o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha “defendia a aliança comercial e estratégica com os Estados Unidos”, já o então governador Getúlio Vargas ficava em cima do muro até que a aproximação com os estadunidenses fosse inevitável.²⁰

Os acordos firmados entre os países são detalhados cronologicamente por Seitenfus (2003), que aborda todos os pontos possíveis das negociações políticas comerciais. A Alemanha apresenta um “Novo Plano” sustentado por regras protecionistas no ano de 1934, onde “toda importação alemã resulta numa exportação de igual valor”.²¹ E os EUA fazem uso dos acordos do *Hull Programm* de junho do mesmo ano, mas ao contrário dos germânicos, os estadunidenses visam o fortalecimento do liberalismo.

Ferraz nos dois textos usados nesse trabalho não esmiúça os acordos comerciais fechados com o Brasil, logo, Seitenfus comenta os acordos firmados em 1934 com a Alemanha e em 1935 com os Estados Unidos, cada qual seguindo suas especificidades já citadas anteriormente. O comércio triangular segue em uma corrida de influências até 1936 quando se estabelece critérios para uma cooperação econômica em grandes proporções. Ricardo Seitenfus aponta:

Além de suas importantes relações comerciais, os dois países procuraram, a partir de 1936, estabelecer os parâmetros de uma cooperação econômica em grande escala. A extensão desses projetos é impressionante: construção de um porto marítimo e de um arsenal naval no Rio de Janeiro, um complexo siderúrgico, uma fábrica de armas leves, e o desenvolvimento de um programa ferroviário. (SEITENFUS, 2003, p.24)

Com a “corrida” de influências, os Estados Unidos deixam claro que o investimento norte americano para a construção das siderúrgicas se daria através de empresas privadas, e os

¹⁹ Interpretasse “comércio triangular” como a ligação comercial entre Alemanha, Estados Unidos e Brasil.

²⁰ FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.17.

²¹ Idem p.18

interesses dos possíveis investidores não eram de grande valia, oportunizando uma brecha para o Brasil pender para o lado Alemão²².

No capítulo de Francisco César Alves Ferraz (2004) a questão das influências comerciais e conseqüentemente do comando destas, é enfatizado em grande parte do texto, iniciando sua explanação com a aliança entre Brasil e Estados Unidos e o fortalecimento intercontinental, a Alemanha que até então se fazia aliada ao Brasil perde importância em meio às propostas norte-americanas e principalmente aos investimentos do complexo de siderúrgica em território brasileiro.

Mesmo que o Brasil estivesse em meio às negociações político comerciais, sua posição em relação a sua efetiva participação na Segunda Guerra Mundial aparece apenas nos livros completos analisados, ao contrário do que se possa imaginar, o governo varguista manteve a neutralidade bélica até meados de 1942. No livro de Seitenfus (2003) a neutralidade brasileira ganha um capítulo para tratar desse momento, dando destaque as negociações de melhores investimentos econômicos e de segurança, o Brasil só se desvincularia da Alemanha com a declaração da mesma de guerra na Europa. Já Ferraz (2004) comenta brevemente, em apenas duas linhas cita a situação de neutralidade brasileira e os capítulos dos professores passam rapidamente pela questão da neutralidade brasileira.

Mas como “contribuição original”²³, Ricardo Seitenfus (2004) afirma que o Brasil já havia tomado à decisão a cerca de sua participação no conflito e ao lado de quem lutaria em meados de setembro do ano de 1939. Essa é uma consideração importante e exclusiva desse texto do autor, vindo de encontro ao seu capítulo que apenas pontua a neutralidade brasileira.

Seitenfus (2003) finaliza sua obra completa explanando sobre a declaração brasileira de guerra, destinando apenas um subcapítulo de cinco páginas para esse ponto relevante, a entrada do país no conflito, o autor não comenta sobre o envio de homens para combater com os Aliados contra o Eixo, o historiador aponta:

[...] o Brasil declara que, em virtude dos múltiplos ataques sofridos pelos navios mercantes e de passageiros brasileiros, existe “uma situação de beligerância, que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança e a da América”. A 31 de agosto, a beligerância se transforma em estado de guerra entre o Brasil, a Alemanha e a Itália. (SEITENFUS, 2003, p.299)

²² SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003.

²³ SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p. 130.

A declaração de Guerra por parte do Brasil aparece de forma diferente a de Seitenfus (2003) em Ferraz (2004), onde o mesmo trás que: “Em 22 de agosto de 1942, o presidente Getúlio Vargas após uma reunião com seu ministério, declarou estado de beligerância contra o Eixo. O Brasil estava na guerra”, sendo no dia 31 do mesmo mês declarado oficialmente estado de beligerância. Em seu capítulo²⁴ o autor também usa a data de 22 de agosto sem mencionar o dia 31. E no capítulo do Professor Gaúcho a data da anúncio de guerra pelo Brasil não aparece, apenas o participação brasileira é citada como: “O envolvimento direto no conflito ocorreria em janeiro de 1942”²⁵.

Dessa forma, o próprio historiador gaúcho questiona em seu texto²⁶ como que o “regime autoritário, ditatorial, implantado por Getúlio Vargas através do golpe de novembro de 1937 tenha, pouco tempo depois, em agosto de 1942 declarado guerra àqueles que lhe deram guarida ideológica, e com os quais manteve relações políticas e de cooperação econômicas”. Com a ideia de instaurar seu proselitismo ideológico com a implantação de uma filial da NSDA (Partido Nacional Socialista Alemão do Trabalho), a Alemanha causa nos governantes brasileiros e principalmente em Oswaldo Aranha o sentimento de nacionalismo, levando a ruptura das ligações entre estes dois países. Getúlio Vargas possuía mais afinco ao seu nacionalismo do que em suas ideologias, segundo Seitenfus (2005), isso foi um dos porquês o Brasil declararia Guerra ao Eixo. Vargas idealizava um único povo “que falasse uma única língua”²⁷.

Ao passar do contexto da anúncio brasileira de Guerra contra o Eixo, Seitenfus não tem mais contribuições para o tema, ao contrário de Ferraz que objetiva-se na participação do Brasil no conflito e afirma que o povo brasileiro sentiu a guerra de duas formas:

[...] a) através das estratégias do governo do Estado Novo de constituir um “*front interno*”, no qual se visava a mobilização dos trabalhadores pela defesa do país e pelo aumento da produção; b) através da escassez e do encarecimento de produtos de consumo cotidiano, devido as dificuldades de importação e à especulação com os preços dos gêneros de primeira necessidade. (FERRAZ, 2005, p.21)

²⁴ FERRAZ, Francisco C. A.. **Brasil e Segunda Guerra Mundial**. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.) et al.. (Org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. 1ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, v. , p.92.

²⁵ SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p. 134.

²⁶ Idem p.128

²⁷ SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p.133

Seguindo a cronologia dos acontecimentos, Ferraz (2005,2004) pontua os investimentos recebidos e oferecidos em relação aos EUA, assim como, as bases aéreas no litoral nordeste e o envio por parte do governo brasileiro de um corpo expedicionário com mais de 25 mil soldados aos *fronts* italianos para combater ao lado dos Aliados, e destaca que a criação da FEB e a participação dos praças brasileiros na guerra foi mais um ato político e não militar. O autor resume as negociações em um parágrafo, pontuando:

Pela sua localização privilegiada e pelos abundantes recursos agrícolas, extrativos e minerais, bem como pela sua importância política regional, o Brasil concentrava os principais esforços de negociação. Um choque de interesses evidenciou-se rapidamente: os norte-americanos queriam enviar militares seus para a construção, reforma, administração e proteção das bases, e o governo brasileiro, por seu lado não queria receber soldados, mas sim armas e recursos norte-americanos para organizar sua própria defesa. Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do Norte e do Nordeste brasileiro às Forças Armadas norte-americanas. (FERRAZ, 2005, p.15)

O professor historiador paulista adentra nas questões dos soldados nos campos de batalha tendo como título do capítulo “A cobra vai fumar?”²⁸, Ferraz narra as principais batalhas, dificuldades e conquistas dos soldados brasileiros nos campos italianos, e finaliza com as consequências que a guerra trouxe para os praças que nela lutaram, o despreparo com que estes foram recebidos, o autor ainda pontua sobre as leis beneficiárias com que o governo tentou solucionar os descasos com que os militares foram inseridos novamente na população civil.

No capítulo de Ferraz as questões do retorno dos praças não são abordadas da mesma forma com que na obra completa do autor, mas sim, relatando como os expedicionários foram reintegrados com “[...]festas em todo o território nacional. A maioria desincorporou-se do exército, e tratou de retomar suas vidas civis de antes da guerra. Uma parte deles, porém, encontrou dificuldades na reintegração social, e conseguiu muito pouco amparo dos órgãos oficiais.”

Destarte, as análises de pontos em comum dos textos dos professores foram trazidas devido a pequenas contradições entre um e outro, levando em consideração as diferentes fontes usadas por cada um, e a abrangência de conhecimentos que cada autor possui sobre o determinado assunto onde, por exemplo, Seitenfus utiliza fontes alemãs para compor seu

²⁸ Batismo de fogo dos brasileiros que entraram na guerra, tendo em vista os julgamentos dos que acreditavam ser mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar na guerra. SALAFIA, Anderson Luiz. **A cobra vai fumar!** Disponível em: <<http://www.portalfeb.com.br/a-cobra-vai-fumar/>>. Acesso em: 09 out. 2007.

livro, isso pode influenciar na leitura dos acontecimentos, mesmo que o próprio autor tenha comentado que o historiador deve mergulhar na época estudada. Por tanto, conclui-se que ambos estudos são relevantes para a contextualização da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, mas o Historiador Ferraz pode ser usado por pessoas que possuem o interesse em introduzir esse assunto de forma didática a seus estudos, e o formato com que Seitenfus escreve, utilizando de detalhes minuciosos de cada momento do conflito seria um livro usado para pesquisas bibliográficas.

CAPÍTULO 2. A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E SEUS HERÓIS

A efetiva participação do Brasil ao lado dos Estados Unidos na Segunda Grande Guerra Mundial propiciou decisões significativas de seus governos e bases militares, dentre estas, está à criação da Força Expedicionária Brasileira, com o intuito de combater ao lado dos Aliados contra os inimigos do Eixo no cenário mundial. Com a criação da FEB e a efetiva participação brasileira no conflito com mais de 25 mil homens enviados aos campos de batalhas europeias.

A fim de compor as análises deste capítulo, buscou-se por trabalhos acadêmicos científicos, que pudessem oferecer a este estudo informações amplas acerca dos temas dispostos, levando em consideração o uso de diversas fontes que compõem um único trabalho, que carregam a visão de autores que por vezes são de difícil acesso. Para que de certa forma, não façamos uma revisão ou capítulo de “contexto” sobre o fato, mas um apanhado crítico de como historiadores ligados à academia abordam em seus estudos sobre a temática da II Guerra, percebendo como o assunto é tratado e principalmente a forma e conteúdo ideológico que muitas vezes aparece nessas análises por parte do pesquisador.

Para isso, este capítulo do trabalho contará com estudos realizados nas academias brasileiras recentemente, serão quatro dissertações escritas dentro do recorte temporal de 2006 a 2016, provenientes de mestrados em história de universidades públicas. Estes trabalhos estruturarão o primeiro ponto deste capítulo que estará concentrado na criação da FEB e de que forma estes mestrados a trazem, para que de certa forma, se possa perceber de maneira atualizada como essa temática ainda é decorrente no meio acadêmico e principalmente, como é tratada nas universidades brasileiras federais. Cabe salientar que nenhum desses estudos é direcionado num todo para a contextualização da Força Expedicionária Brasileira, mas sim, em diferentes recortes da Segunda Guerra Mundial.

Dissertações estas, intituladas como: “Um Narrador de Si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira”(2014) de Izaac Erder Silva Soares; “A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)” (2016) de William Pereira Laport; “A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de Um Conflito”(2009) de Marcos Antonio Tavares da Costa; e “A Reintegração Social dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)”(2010) escrita por Alessandro dos Santos Rosa. Ou seja, todos os trabalhos abordam uma temática referente e muito semelhante a própria proposta do presente TCC.

Em seguida, em um segundo momento do capítulo será abordado à participação dos militares brasileiros nos campos de Guerra, para isso, será utilizada parte da coleção de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Esta coleção é formada por oito tomos, produzidos através da Portaria Ministerial nº583 de 26 de outubro de 1999, mas devido à disponibilidade no mercado, as abordagens se darão com base em apenas cinco volumes (2,3,4,5 e 6), estas obras em sua totalidade são formadas por 158 entrevistas de ex-combatentes, realizadas pelo Exército Brasileiro nos anos de 2000 e 2001.

É importante ressaltar que não é objetivo deste capítulo trazer contextualizações das ações militares da época referenciadas por historiadores e pesquisadores de renome, mas sim, usar da interpretação dos mestres historiadores em suas dissertações, que dão um passo a frente na história da Segunda Guerra Mundial no Brasil, que por vezes, se mantém engessada e aberta para poucos, das entrevistas dos pracinhas salienta-se a importância dos testemunhos dos próprios atores sociais do conflito.

2.1. AS DISSERTAÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO

A escolha de dissertações para compor este estudo vem ao encontro dos anseios em se acessar diversas fontes teóricas e, um trabalho acadêmico científico – que por vezes – faz através da visão de diferentes autores uma junção de ideologias e a formulação de uma nova ou a reprodução de algumas ideias. Com isso, este ponto do capítulo se detém a analisar, de forma breve, os aspectos de que cada pós-graduando traz em seus trabalhos.

Ambas as dissertações fazem uso de uma única temática central – Segunda Guerra Mundial – cada uma com um recorte de temas específicos, assim como, as especificidades da formação de cada autor, que por ventura ocasiona interferência no formato da pesquisa, além da regionalidade e objetivos para com seu trabalho.

Como já comentado, as dissertações são provenientes de mestrados em História de universidades públicas brasileiras, e estão delimitadas dentro do recorte temporal de uma década (2006 a 2016) assim destaca-se a importância destes trabalhos para as questões relacionadas ao conflito, não somente por serem estudos recentes realizados já no século XXI, mas sim, pela quantidade significativa de fontes utilizadas por cada pós-graduando, além do uso de fontes orais ou documentais poucos explorados, estes estudos fazem uso de referências que para a composição deste capítulo não seriam de fácil acesso.

A dissertação (2014) escrita pelo professor graduado em História, Izaac Erder Silva Soares²⁹ é uma análise acerca da participação dos militares brasileiros da FEB na Segunda Guerra Mundial a partir dos testemunhos do terceiro-sargento Osmar Gomes de Oliveira. A pesquisa de Soares possui 225 páginas divididas em três capítulos, o autor dedica o primeiro capítulo para a contextualização do envolvimento brasileiro no conflito e os capítulos que seguem são voltados ao objetivo de seu trabalho que faz uso metodológico da História Oral, ou seja, percebe-se ainda muito o hábito de construir o capítulo-contexto, uma marca muito forte e presente em trabalhos acadêmicos mesmo após a “revolução do Annales” que visa romper com isso.

O autor (2014) faz uso de fontes nacionais e internacional para embasar sua pesquisa, além de se apropriar de uma escrita acadêmica que por vezes se faz complicada. Este trabalho possui grande relevância para os estudos que envolvem história oral e regional, levando em consideração seu personagem principal e a qualidade do referencial teórico usado, o trabalho de Soares recebe o título de: “Um Narrador de Si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira” e, foi defendido no ano de 2014 na Universidade Federal de Ouro Preto-MG.

Um segundo estudo recebe o título: “A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)” (2016), escrito pelo graduado em Direito, William Pereira Laport³⁰, que averigua os crimes que os soldados brasileiros cometeram em territórios internacionais, além de enaltecer os feitos heroicos destes no teatro das operações na Itália. O autor aparenta preocupação com o leitor e ao esmiunçar sobre a formação da FEB faz uso majoritariamente de explicações de nota de rodapé, além de trazer uma tabela que explicita os números de soldados enviados a Itália, divididos por estados.

²⁹SOARES, Izaac Erder Silva. **Um Narrador de si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.

³⁰LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Com uma escrita menos poética, o autor utiliza depoimentos dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira que estavam dispostos no Arquivo Históricos do Supremo Tribunal Militar (“STM”) de Brasília/DF³¹, a dissertação de Laport é formada por 230 folhas divididas em quatro capítulos, sendo defendida no ano de 2016 no Distrito Federal, Brasília. Este autor, assim como Soares, faz uso de expressiva quantidade de referencial teórico, entretanto a pesquisa se ampara preponderantemente nas legislações brasileiras e busca inocentar ou incriminar os militares já anteriormente julgados.

A dissertação intitulada como “A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de Um Conflito” (2009) escrita pelo Oficial do Exército Brasileiro, graduado em História Marcos Antônio Tavares da Costa³², aborda de forma harmônica a visão dos militares mais humildes que tiveram nos *fronts* da Itália, o trabalho se embasou em literaturas militares e nas doze entrevistas orais realizadas pelo autor com os veteranos de guerra. Costa dissertou sua pesquisa em 254 folhas dispostas em cinco capítulos, com a escrita sucinta ele defendeu seu trabalho no ano de 2009 pela Universidade Federal de Juiz de Fora/MG.

Já o estudo do também Oficial do Exército graduado em História, Alessandro dos Santos Rosa³³, apresenta a legislação que amparou legalmente os veteranos, a dissertação expõe uma visão geral sobre a FEB dando destaque o surgimento da lei de amparo na década de 40. O Militar fundamenta sua pesquisa em 133 folhas baseada nas entrevistas feitas por ele mesmo, com uma ex-enfermeira e cinco ex-combatentes, ambos do estado do Paraná, além de bibliografias como as de Frank D McCANN e Ricardo Seitenfus. A dissertação de Rosa foi defendida no ano de 2010 pela Universidade Federal do Paraná e recebeu o título: “A Reintegração Social dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)” (2010). Diferente das dissertações anteriormente citadas, Rosa faz uso de poucas referências teóricas se detendo nos testemunhos por ele coletados.

No ponto que se refere à criação da FEB o autor é o único – entre as quatro dissertações – que utiliza as entrevistas realizadas com os veteranos da Segunda Guerra para narrar à criação da Força Expedicionária. Contextualizando a Criação da FEB e detalhando seus preparativos, a concentração e os treinamentos recebidos pelos militares para a efetiva atuação nos *fronts*, até concluir o tópico com a FEB com a participação dos veteranos na Itália.

³¹*Ibidem*, p.113.

³²COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de um Conflito**. 2009. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

³³ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração Social dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

2.2. A CRIAÇÃO DA FEB

O envolvimento militar brasileiro na Segunda Guerra Mundial se deu após a aprovação da criação de um corpo expedicionário e acabou se desenrolando de duas formas específicas: com o envio de um corpo expedicionário para atuar ao lado dos aliados nos fronts do norte italiano e a parceria das forças armadas nacionais com as estadunidenses na defesa do Atlântico Sul. A FEB (Força Expedicionária Brasileira) atuou em combates nos territórios europeus entre 16 de julho de 1944 e 3 de outubro de 1945.

Como já comentado anteriormente, todas as dissertações usadas nesta pesquisa possuem necessariamente um capítulo ou subcapítulo destinado à análise da Força Expedicionária Brasileira, sendo inegável a diferença entre ambas, tanto na disposição das informações e nas fontes usadas, quanto na aparente importância que o autor dá a contextualização da FEB, porém as dissertações não apresentam informações diferentes, as quatro possuem dados que dialogam entre um trabalho e outro. Portanto, neste tópico será elaborado um apanhado acerca das informações que os autores apresentam em suas dissertações.

Em ambas pesquisas, pode-se observar que a criação da Força Expedicionária Brasileira passou por turbulências, causando lentidões e embaraços com a formação e convocação dos militares. Para Soares a ideia da criação da FEB surge dois anos antes da sua factual participação no conflito, é no ano de 1942 com o rompimento dos laços entre brasileiros-germânicos e com os tratados militares brasileiro-estadunidense que a formação de um corpo expedicionário sul-americano se fazia necessário.

Costa (2009) é o único a abordar os interesses pessoais de Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha que visavam à participação brasileira na Guerra que viria ao encontro de seus interesses em âmbito político-econômico no cenário internacional. A animação com a criação de uma força expedicionária pairava pelas feições dos oficiais brasileiros e, não tinha relevância, para estes, aonde as tropas iriam combater – o interesse era os benefícios que o pós-guerra traria.³⁴

Mas para tamanho passo a frente no militarismo brasileiro, Laport (2016) vai apontar que o exército desde a época da Colônia se espelhava nas “escolas militares europeias”,

³⁴COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de um Conflito**. 2009. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009, p.38.

depois de décadas seguindo os mesmos valores, e com a chegada do século XX os comandos militares recebem copiosas influências alemãs³⁵, porém com a derrota germânica na I Guerra Mundial e com a vitória francesa, o Brasil buscou inspirações nas doutrinas gálicas, participando da Missão Militar Francesa da década de 20.³⁶

Agora não mais influenciado pelo militarismo francês, e nem com laços diplomáticos Alemanha-Brasil, é criada a “Comissão Mista de Defesa Brasil-EUA em 1942”³⁷. Comissão que encabeçaria toda a movimentação militar brasileira ao lado dos aliados na Segunda Grande Guerra, tendo esta, dois comandos: um localizado na cidade de Washington nos Estados Unidos e outra no Rio de Janeiro.

Getúlio Vargas então presidente do Brasil, mencionaria a importância da participação de um corpo militar na Guerra, lutando fora do continente americano. Em Washington, os interesses eram os mesmos que de Vargas, ainda que favoráveis à criação da FEB os procedimentos para sua efetivação foram geridas com grande lentidão³⁸, como aponta Izaac Erder Silva Soares:

[...] somente no dia 28 de janeiro de 1943, o ministro de Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, apresentou ao presidente Vargas um conjunto de documentos, incluindo um parecer favorável do Estado Maior Brasileiro, sobre da possibilidade do envio de tropas expedicionárias para atuar fora do continente.

As dissertações, em sua totalidade, fazem uma abordagem acerca dos interesses dos governos da Comissão Mista, Vargas só aprova a criação da Força Expedicionária em março de 1943, deixando-a coadunada a necessidade de modernização dos armamentos, a não convocação dos militares já treinados – eles deveriam ficar no Brasil e proteger o litoral – e os homens convocados careceriam de treinamentos prévios dos norte-americanos.

Nesta linha de pensamento, o então professor da Universidade Estadual de Minas Gerais, Soares (2014), expressa em sua dissertação que um mês após a aprovação da criação da FEB pela Comissão Mista, os Estados Unidos aceitam as propostas brasileiras para que se

³⁵Tendo como consequência a caminhada do Brasil para a participação na Primeira Guerra Mundial.

³⁶LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.32.

³⁷SOARES, Izaac Erder Silva. **Um Narrador de si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014, p.57.

³⁸SOARES, Izaac Erder Silva. **Um Narrador de si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014, p.57.

possa de fato, ser criada a Força Expedicionária, contudo, Roosevelt supunha que o comando atuaria na “defesa de ilhas portuguesas na costa africana”.³⁹

No mês de novembro do mesmo ano, a FEB é de veras criada, assim como afirma Marcos Antônio Tavares da Costa (2009), as negociações se estenderam devido ao pesado encargo para os norte-americanos, todavia, os estadunidenses levaram em consideração a tamanha importância da localização brasileira e o fornecimento de materiais de Guerra.

Soares (2014) e Costa (2009) comenta que em caráter decisivo, o Brasil “enviaria três divisões de infantaria ao modelo americano, sendo que a primeira deveria estar pronta para combater em dezembro de 1943”⁴⁰, para que isso ocorresse, os EUA se comprometeram em mandar o armamento necessário e homens para treinar os praças. “Ficava claro, através do referido decreto-lei, que a FEB atuaria estritamente sob os auspícios das Forças Armadas dos EUA.”⁴¹

Com a Força Expedicionária Brasileira já criada, se fazia necessário à convocação de militares para compô-la. As expectativas iniciais “era a seleção de 60.000 a 100.000 mil homens”⁴², mas para Rosa e Laport, das 107.609 inspeções realizadas nas dez regiões do Brasil, pouco mais de 25.000 homens e mulheres foram enviados para os campos de batalhas na Itália. Ressalta-se que Costa e Soares não trazem essa informação em suas pesquisas.

Sobre o processo de seleção, Rosa (2010) comenta sobre os fatores “externos” que influenciariam nas escolhas dos febianos, como por exemplo, os “militares que eram de carreira”⁴³ procuravam meios de não fazer parte da Força Expedicionária”, o apadrinhamento político era uma das alternativas dos militares que não queriam participar da Guerra, além das inúmeras doenças forjadas para que não participassem. Já nos exames médicos que foram todos centralizados na cidade do Rio de Janeiro, teve-se o cuidado que não houvesse

³⁹*Ididem*, p.59

⁴⁰ COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de um Conflito**. 2009. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009, p.10..

⁴¹ SOARES, Izaac Erder Silva. **Um Narrador de si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014, p.40.

⁴² LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.32.

⁴³ Os militares de carreira que usaram de suas artimanhas para não serem convocados a participar da FEB e combater no norte Italiano, ficaram com inveja e despeito - em sua maioria - devido ao retorno triunfal dos que seguiram para a Guerra. (ROSA, p.32)

“facilidades” e que todos independentemente da classe, cor e credo fossem examinados com os mesmos critérios⁴⁴. Laport (2016) aponta:

Para ser escolhido para a FEB, no princípio dos processos de seleção médica, era obrigatório que o indivíduo fosse classificado como “Classe Especial”. Isso implicava um grande aumento do padrão de saúde necessário para que um homem fosse enviado à Europa, superior àquele exigido para o Exército. Assim, um homem podia ser apto para Exército e inapto para a FEB. (p.37)

Dos mais de 25 mil convocados cerca de 20% eram classificados na categoria “E”, esse contexto levou a inúmeras baixas ao chegar no continente europeu. Com os números postos ficava evidente a situação precária da saúde e da educação brasileira onde 76% “tinha apenas o grau de instrução primária”.⁴⁵

As dificuldades da seleção foram tão profundas que houve inúmeros casos de militares que chegaram a Nápoles já sem condições de combater. **Tornando** perceptível que não houve uma rigidez no momento de se escolher quem realmente teria condições de ir para uma linha de combate. (ROSA, p.33, **grifo nosso**)

Mesmo que todo o contexto da criação da FEB não tenha sido algo simples, com várias dificuldades e falhas em meio ao caminho, a Força Expedicionária Brasileira com seu “primeiro escalão, compondo o 6º Regimento de Infantaria e alguns grupos de apoio”, embarcaram em setembro de 1944 rumo a Segunda Guerra mundial.

Para evitar o vazamento de informações que viriam a causar inseguranças, a ida dos praças compondo a Força Expedicionária não tinha dia certo e, mesmo com as falhas de percurso a FEB, contou com “um efetivo total de 25.445 soldados em solo italiano, dentre os quais 465 morreram e 2722 foram feridos em 239 dias”⁴⁶ em que estiveram na Guerra.

Por fim, a respeito da criação da Força Expedicionária Brasileira através das pesquisas dos quatro mestrandos em História, nota-se a concordância dos dados abordados por cada autor, além das importantes informações a cerca da FEB e o que nela se envolveu, mas cabe

⁴⁴ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração Social dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010, p.32.

⁴⁵LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.42.

⁴⁶LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016, p.51.

lembrar que cada trabalho estudado possuía outro objetivo principal e a contextualização da FEB possa ter sido um “geral” sobre o tema.

2.3. HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO

Torna-se hábito dizer que nas guerras os indivíduos só manifestam o que tem de pior, que a crueldade não tem limites. Mas o que se vê são extremos, a guerra é derradeira, as pessoas vão aos seus limites, tanto políticos, psicológicos, econômicos e físicos, quando a guerra é vista como se fosse a maior desumanidade, nada mais é, que na realidade a humanidade levada ao seu extremo.

Ainda que as Guerras sejam vistas como uma barbárie, ela não deixa de estar perpetuando culturas, ou seja, ela não é simplesmente a política sendo demonstrada através das armas, mas sim, um conflito entre dois grupos que divergem em seus valores e crenças, porém possuem elementos em comum que por vezes se colidem.

Interessa-nos neste ponto do capítulo os depoimentos relatados a coleção de História Oral do Exército Brasileiro sobre a Segunda Guerra Mundial, mesmo que os depoimentos possam ser frutos da imaginação dos depoentes, leva-se em consideração a atuação social desses indivíduos que participaram de um dos mais importantes acontecimentos mundiais. A seleção de entrevistas se deu através da análise dos relatos que os militares fizeram, evidenciando o não interesse em trabalhar com os depoimentos que narram a guerra em si, mas sim naqueles que fazem uso do espaço de relato para contar como foi estar na Guerra, às experiências, medos, frustrações, e o orgulho dos que tiveram a honra em ingressar na FEB.

Com a escolha das oito entrevistas que contam as vivências e sentimentos de cada veterano de Guerra e destaca-se os objetivos das narrativas que compõem a Coleção selecionada:

- registrar os relatos das personalidades que , direta ou indiretamente, participaram da Segunda Guerra Mundial;
- recuperar dados e informações sobre fatos e episódios importantes para a História do Brasil, ocorridos no evento supracitado; e
- construir um acervo, adequadamente preparado, para consultas, pesquisas e outros misteres de fundamental interesse para a Força Terrestre. (TOMO II, p.11)

A Coleção de História Oral do Exército teve como personagens principais membros da Colônia⁴⁷ de veteranos de Guerra e se seguiu na Rede⁴⁸, onde as entrevistas Oraís foram

⁴⁷Colônia é um termo usado pela História Oral que caracteriza pessoas ligadas por alguma semelhança.

⁴⁸ Rede é uma parcela selecionada da Colônia, onde os primeiros entrevistados dariam opiniões para encontrar os próximos.

divididas em três momentos: “a pré-entrevista, a entrevista propriamente dita e a pós-entrevista.”⁴⁹ A primeira etapa deu a oportunidade dos entrevistados em conhecer as perguntas e escolher a melhor forma como elas se dariam, o questionário consistia em perguntas fechadas e uma narrativa livre do interrogado, além de seguir o critério da entrevista única para todos os colaboradores de todas as regiões, a segunda e terceira são as entrevistas propriamente dita e a última se refere a transcrição e as assinaturas pelos entrevistados dos elementos textuais.

Sendo assim, no próximo ponto desse capítulo será abordado as narrativas sete narrativas dos depoentes dessa coleção, que vem ao encontro do entendimento relacionado a participação desses homens na Segunda Guerra Mundial, não somente nas batalhas, mas também na ida e no pós Guerra.

2.4. DO PATRIOTISMO AS BARBÁRIES: UMA SÍNTESE DE SETE VETERANOS DA GUERRA

O Brasil foi um dos países que se mantiveram neutros desde o início das hostilidades no continente Europeu, o governo brasileiro, como já visto no capítulo anterior, manteve ligações comerciais com a Alemanha e posteriormente com os Estadunidenses. No ano de 1941 Pearl Harbor é atacado, levando o vizinho americano EUA, a declarar Guerra aos países do Eixo, e um ano depois seria os navios brasileiros atacados, deixando 971 mortos entre tripulantes e passageiros, esses ataques deixaram a população aflita, acarretando no reconhecimento por parte do governo varguista do estado de Guerra. O país se alia aos Aliados para combater contra os países do Eixo.

A população foi às ruas clamando por guerra, mas como relata Nicola Cortês Neto, o povo pediu e o governo atendeu, apesar disso, quando o Exército abriu vaga para voluntários a procura por interessados foi pouca.⁵⁰ A falta de militares já treinados e de voluntários levou ao encontro de grandes dificuldades para a formação da Força Expedicionária Brasileira, acarretando na convocação de civis de todas as regiões do Brasil.

Houve grande dificuldade para organizar a FEB. Aquela multidão, que pedia a guerra, na hora de ir para o combate, sumiu. Por isso, foram buscar gente simples, do interior. Estes foram. Até achar os comandantes, que eram convidados, foi difícil. Sabiam que teriam que participar da guerra. Eu, na época soldado, vim de Campos,

⁴⁹ TOMO II p.12

⁵⁰ TOMO III p. 240

como vieram outros dos pampas, dos seringais, das montanhas alterosas, do leste e do oeste.⁵¹

Após as convocações e voluntariados, militares das dez regiões do Brasil seguiram rumo à cidade do Rio de Janeiro onde se armou uma junta de inspeção médica, todos que iriam participar da guerra deveriam estar “aptos”, tanto fisicamente quanto psicologicamente, assim como relata Abdias de Souza;

Essa inspeção teve detalhes interessantes. O exame de sangue era uma coisa desastrosa. Para fazer o exame, cada soldado deveria encher um frasco branco, de um litro. A agulha enfiada e o homem em pé, caminhando lá na areia, até que o enfermeiro chegasse para tirá-la. Além desse, foi feito exames de sistema nervoso. O paciente fazia diversos movimentos com a cabeça, e, afim de saber se os nervos estavam normais, passavam uma escova cheia de alfinetes no solado dos pés. Houve, também, tratamento dentário e correção da cava do pé. Além do exame de saúde, fizemos, no 2º RI, algum treinamento, eminentemente prático, baseado ainda, na doutrina francesa da Primeira Guerra Mundial, como cavar abrigos defensivos. O treinamento real e atualizado foi feito já na Itália.⁵²

Passado a inspeção de saúde, o primeiro escalão de praças embarcam rumo aos campos de batalhas no norte da Itália em junho de 1944, o treinamento era escasso, o armamento não era o adequado, mas assim como no relato de Souza, os militares partem em viagem com o pouco treinamento que tinham. Além disso, ao chegarem à Itália o “comando americano constatou muitos casos de doenças venéreas”⁵³, com esse grave fator os praças adoecidos tiveram que baixar no hospital e os demais seguiram para as treinagens com os norte-americanos.

Da mesma forma que receberam os treinamentos iniciais, os pracinhas brasileiros ao desembarcarem em território europeu e com o início dos combates, receberam coturnos, galochas, gorros e roupas adequadas para o intenso inverno italiano, com nevascas não vistas antes por alguns soldados brasileiros. O primeiro dia de frio intenso teria acontecido em 23 de novembro de 1944 quando as temperaturas marcaram de “15° a 18°C abaixo de zero”.⁵⁴

Em relato Abdias de Souza, natural do estado do Ceará comenta:

Aos poucos foi sendo recebido o material necessário ao aparelhamento da tropa. Recebemos fardamento americano todo novo, incluindo meias, luvas, capote – que pesava cerca de seis quilos – ceroula de lã, jaqueta para o frio e um *combat-boot*, de

⁵¹ TOMO V p.338

⁵² TOMO II p.186

⁵³ TOMO III p.241

⁵⁴ TOMO VI p.365

excelente qualidade. O fardamento e a bota recebidos no Brasil eram muito frágeis. Esse fardamento permitiu enfrentar o inverno, senão teríamos morrido congelados ou como dizia os quintas-colunas: iam morrer todos.⁵⁵

A roupagem dada pela Força Expedicionária Brasileira aos seus combatentes não condizia para o lugar onde estavam indo, mesmo com as roupas recebidas dos estadunidenses existem testemunhos de soldados que experienciaram o sofrimento dos colegas nos *fronts* por causa do frio intenso e as vestes frágeis, assim como do Sargento Moacyr Machado Barbosa que a frente de um pelotão nas trincheiras do campo de batalha teve oito de seus soldados reclamando “que não podiam andar, que seus pés e pernas estavam gelados”, ambos foram encaminhados para um Posto de Saúde e diagnosticados com uma “ameaça de pé-de-trincheira, que é uma doença que paralisa a circulação”.⁵⁶

Uma das soluções encontradas pelos expedicionários para o combate do frio nos pés foi encher os coturnos de feno, e com pequenas fogueiras nos acampamentos (era proibido o uso de fogueiras e luzes, para evitar que o inimigo encontrasse o esconderijo) amenizar o inverno com temperaturas negativas do norte italiano⁵⁷.

Além das vestimentas, os praças recebiam do exército norte-americano alimentação, em relatos um soldado esclarece essa “boa ação”, afirmando que o governo brasileiro comprava, mas era o exército estadunidense que distribuía. O Major Menezes comenta sobre a alimentação⁵⁸:

Nós dispúnhamos de um fogareiro à gasolina com o que aquecíamos a nossa marmitta, mas a bóia vinha sempre gelada; não era falha da logística, era o tempo que conspirava contra. Na ração americana, sendo a mais famosa a ração “K”, vinha queijo, chocolate, cigarro, goma de marcar, fumo para cachimbo e para mascar. Era como aquela caixinha de vídeo K-7, um pouquinho maior, e bolachas que substituíam uma refeição, completamente vitaminadas, duras como um tijolo, mas que alimentavam.⁵⁹

Nestas “cestas” de sobrevivência também continha cigarros, equivalentes um a dois maços por dia, os não fumantes vendiam para os italianos para arrecadar algum “extra”, e com o passar dos dias e meses foi-se criando afeições entre os soldados brasileiros e os civis italianos. Ao se depararem com a miséria em que as famílias italianas estavam enfrentando devido ao conflito, os expedicionários ofereciam as suas cestas de comida para que mesmo

⁵⁵ TOMO II p.186

⁵⁶ TOMO V p.328

⁵⁷ Idem, p.328

⁵⁸ TOMO II p.226

⁵⁹ TOMO II p.226

com pouco pudesse amenizar o sofrimento dessas pessoas, essa proximidade levou alguns praças a permanecerem após a guerra na Itália e, a se casar com as mulheres que segundo os depoimentos eram belíssimas, e estavam na busca de uma saída da penúria, mas para o soldado que por ventura desrespeitasse qualquer mulher, seria castigado.

Em seu testemunho o Cearense Abdias de Souza, relata:

Eu acho que o italiano não se queixou do brasileiro, porque tínhamos uma segurança tão grande, um respeito, uma ordem de ninguém se aproximar das mulheres. Inventaram até um boato que o cara que corresse atrás de uma mulher ia para o saco de areia. Não sei se aconteceu isso. Era um saco de areia mesmo de cinquenta quilos nas costas do soldado. Era o castigo. Você ficava lá no sol com aquele saco pendurado nas costas.

Se o soldado quisesse casa com uma italiana poderia, mas somente depois que terminasse a guerra. Alguns ficaram visitando as italianas, e elas morrendo de fome, doidas para vir embora, sair daquela miséria. Nós tínhamos a fama de rico. Eu tinha dois colegas que lhes tirei da cabeça a idéia de casar com as italianas. Mulheres lindas. Eram bonitas demais para eles.⁶⁰

Além de sem-vergonhices com mulheres, as bebidas também eram proibidas em campo, os soldados até se arriscavam em beber cachaça e vinho para se aquecer do frio, mas se algum superior visse, também seria motivo de castigo. Para além de regras os militares viveram os dias mais marcantes de suas vidas, a perda de companheiros, amigos, cenas fortes de assassinatos, preconceitos, frio, fome, eles tiveram momentos de rizadas e companheirismo e de vitórias, mas para muitos defender a pátria era algo engrandecedor, que dignificava-os, o orgulho ser um cidadão brasileiro que foi para a Guerra junto com a FEB para lutar pelo seu país era algo presente nos praças. O mineiro Cabo Francisco Pedro de Resende comenta sobre o pundonor que carregavam, sua família e ele, ao ponto de colocar na porta de sua casa uma placa com o dizer: “Daqui saiu um expedicionário”⁶¹. Ou quando um soldado mesmo amputado sente orgulho da sua participação: “Tenho muito orgulho de ter sido da FEB e de ser mutilado de guerra”⁶².

Mas, cabe aqui dizer que o orgulho de servir a FEB ou de ter um ente querido na Guerra não era unanimidade entre os expedicionários, havia como conta Oswaldo Matuk, que seu pai não aprovou sua decisão de se voluntariar, mesmo que fosse patriota, mas acreditava que o filho era muito jovem para tamanho fato.⁶³

⁶⁰ TOMO II p.190

⁶¹ TOMO VI p.364

⁶² TOMO V p.346

⁶³ TOMO III p. 253

Os dias de combate renderam inúmeras histórias, as granadas, os fuzis, as trincheiras, Nicola Cortês Neto, narra: “Ouvia-se um zunido “ziuuuummmmmmm”, e a granada explodia em cima. Corríamos e nos escondíamos naqueles prédios que já estavam semidestruídos”⁶⁴. Ou como conta o capixaba Coronel Helio Amorim Gonçalves sobre a experiência de estar ao lado de um Sargento atingido por granada, deixando claro que o amor por defender a honra era maior que a dor:

A missão do meu Pelotão era atingir Creda, à direita de Montese, e fixar o inimigo, a fim de que fosse atacado pela esquerda pelo Pelotão do Mega. Eu sabia que não poderia sair de l, pois tinha que manter pressão sobre a posição inimiga. Havia uma resistência muito forte a nossa frente. Quando ele da o lance, uma granada de morteiro o atinge e a um sargento, cujo nome não me recordo. Arrancou o tampo da cabeça do sargento, tendo sido o Mega ferido no corpo. Quando voltou a si chamou o 2º sargento-auxiliar Frederico Rodrigo Torres e disse: “Torres, a minha carta topográfica está toda cheia de sangue, pega a sua”. O Torres abriu a carta. Prosseguiu Mega: “Agora vamos reconhecer o terreno. Ali está o tal ponto...”. Reconheceu o terreno com o seu subordinado, porque sabia a gravidade do ferimento. Tinha o corpo todo atravessado por estilhaços. Continuou o Mega: “A missão, vamos ver a missão”. A missão é essa, assim e assim; toma cuidado com aquilo e aquilo outro, e deu todas as ordens. Aí, notou que um soldado estava olhando para ele, então disse: “O que é que você está olhando? A guerra é lá na frente. Vocês estão chateados porque eles me acertaram? Acerta o comandante deles também. Vão à forra! Não tem nada, quem está no fogo é para se queimar. Não se incomodem comigo... É lá na frente”. Dessa forma procurava animar os soldados. Mas, quando sentiu a morte chegando, naquele momento, pediu ao Torres que guardasse um anel de ouro que possuía [...].⁶⁵

Nos dias de patrulha, era comum encontrar corpos de soldados mortos, se o frio estivesse intenso os cadáveres não se decompunham, mantinham-se inteiros, o Sargento carioca Moacyr Machado Barbosa em uma de suas rondas encontrou dez combatentes mortos conservados na neve, relata que ao encontrar os corpos já veio em mente o racismo alemão, pois os cadáveres estavam escuros, mas que ao se aproximar reconheceu um de seus companheiros, o Sargento Aires e, logo “veio em mente que o frio de 20 graus abaixo de zero conservava, mas queima a pele”, e os alemães que haviam matado os brasileiros não tiveram a decência de enterra-los.

Além de ver e presenciar os óbitos dos companheiros, os pracinhas estavam sujeitos a sofrerem eles próprios com os ataques, o Coronel Gonsalves compartilha seu incidente que sobre o aviso de um condiscípulo veio a notar que sua perna esquerda estava toda ensanguentada, mas que seu maior medo não era perder a perna, mas sim de ter sido

⁶⁴ TOMO III p.241

⁶⁵ TOMO IV p.308

“castrado”⁶⁶. O testemunho do Sargento Rubens Leite de Andrade comenta sobre um dia no campo minado:

O primeiro a pisar em uma mina fui eu. O Comandante da patrulha, sargento Ferrine, tomou a frente, dizendo para que os demais só pisassem onde ele já tivesse pisado. Mas outros pisaram em minas; até o anoitecer, foram oito baixas, oito que perderam as pernas. Meu comandante de Grupo de Combate, o sargento Aquino, perdeu as tuas pernas, três dias depois morreu.⁶⁷

No relato do expedicionário Abdias de Souza, nota-se a dimensão do sentimento de estar na guerra:

[...] Na guerra quando agente está atravessando um rio, o nosso problema é sair do outro lado. Não se quer saber o que se está, passando por lá nem pra cá. Você recebe um objetivo e parte para ele. Não quer saber o que está acontecendo, nem de um lado nem do outro. Era fazer o assalto e escolher: matar ou morrer. Não morreu, começa tudo de novo.⁶⁸

Sem um preparo psicológico para tamanhos acontecimentos, os soldados com os desprazeres da guerra, muitas vezes saudosistas da família, o medo da morte, os incessantes barulhos e os anseios de estarem de fato no meio do fogo cruzado, o paulista Oswaldo Matuk relata: “Passamos dificuldades, sem dúvidas, porque além do sofrimento físico, há o sofrimento psíquico. Este é um dos piores, a pessoa chega até a resmungar: “O que eu estou fazendo aqui?””, o autocontrole, como afirma Matuk, deveria ser “matéria de aprendizado nas Forças Armadas”.⁶⁹

Mesmo que com tamanhas dificuldades, os soldados brasileiros encaravam os desafios com garra, se o clima ficasse tenso em meio aos embates com os alemães, “aparecia um cabrito, lá ia um brasileiro querer pegar o cabrito”⁷⁰, para que pudessem fazer um churrasco. A fé também era algo que sustentava alguns expedicionários firmes e fortes, assim como narra o Sargento Barbosa a respeito de um milagre que pode presenciar; um de seus soldados, devoto de N. S da Conceição orava todo início de combate, e carregava uma estatua da santa e, em um dos combates pôs a estatua na cabeça da trincheira, ao meio do ataque a santa foi

⁶⁶ TOMO IV p.311

⁶⁷ TOMO V p.342

⁶⁸ TOMO II p.189

⁶⁹ TOMO III p.252

⁷⁰ TOMO V p.333

jogada longe e o soldado saiu a sua procura, quando uma granada atinge a trincheira que ele havia se escondido. Barbosa enfatiza “assistimos a um milagre!”.⁷¹

Em relação aos apoios médicos em caso de ferimentos, mesmo que dos mais leves aos mais perplexos, todos os praças que são fontes de análise para esse estudo salientam a competência da cruz vermelha estadunidense, que sempre que solicitada deu todo o apoio necessário, desde cirurgias, dentaduras e plásticas, os soldados graves eram levados para se tratar em hospitais especializados nos traumas sofridos.

Com o anuncio do fim da guerra, a felicidade tomou conta dos veteranos, o Major José Maria da Costa Menezes conta que estavam em um bar quando ouviram pelo rádio o anuncio do fim da Guerra, a cidade de Caorso na Itália, onde estavam, prepararam uma festa para os brasileiros em comemoração do fim das batalhas.⁷²

A viagem de volta rendeu cantorias e danças⁷³, teria sido bem diferente da viagem de ida, não houve mais enjoos, e ao chegar no Rio de Janeiro os expedicionários da Segunda Guerra Mundial foram recebidos com grande salva de palmas e festas, o população e governo brasileiro estavam orgulhosos de seus combatentes da FEB.

O veterano que no ato de seu testemunho tinha 77 anos de idade, se recorda das promessas que o presidente Getúlio Vargas fez no dia de embarque nos praças rumo a Itália.

[...] Getúlio Vargas, que era Presidente da República, foi ao navio e fez aquele discurso: “Meus irmão, suas famílias não ficaram desamparadas, quando vocês regressarem terão isto, aquilo e tudo mais.” Voltamos em 1945 fomos desmobilizados e as promessas não foram cumpridas, alguns até morreram na miséria.⁷⁴

Assim como conta o soldado, os demais expõem a insatisfação em relação ao desprestígio FEB teve depois de seis meses do retorno do conflito, ela foi desmobilizada, esquecida e desamparada pelo governo e pela população em geral. Aqueles ex-combatentes que “tinham alguma neurose, começaram a se embriagar, a dormir pelos bancos das praças, vários, inclusive, morreram”.⁷⁵

O Major Menezes, relata o descaso pelo qual passou com a falta de cumprimento das promessas por parte do governo e no abandono do exercito em relação aos combatentes da FEB, vinte anos após o fim da guerra o Major decide então financiar uma casa da Caixa

⁷¹ TOMO V p.334

⁷² TOMO II p. 228

⁷³ TOMO V p.335

⁷⁴ TOMO III p.245

⁷⁵ TOMO VI p.371

Econômica Federal, cuja promessa era que todos os que haviam participado da guerra pudessem ter 100% de crédito em aquisições imobiliárias, mas isso não ocorreu, e escutou “Você tem direito mas não posso ceder; existem recomendações expressas para se dar 75%”.⁷⁶ Outra promessa era que os filhos dos combatentes teriam direito de cursar todos os níveis de educação de graça, “está na Constituição Federal: mas nunca me deram isso!”⁷⁷,

Destarte, neste tópico pudemos observar através das narrativas dos oito veteranos sobre os sentimentos que envolvem a sua participação na Segunda Grande Guerra Mundial, os medos, aflições, problemas resultantes e o descaso com tamanhos atores sociais do país, diversos soldados conseguiram o direito a pensão apenas vinte anos depois da volta do conflito. Assim como observado anteriormente os praças foram do orgulho e patriotismo de servir a pátria, à desolação.

CAPÍTULO 3 – AS MEMÓRIAS QUE A MORTE NÃO LEVOU

As histórias, feitos, heroísmos, medos e traumas contados por aqueles que um dia estiveram nos campos de batalha no norte italiano durante a Segunda Guerra Mundial e, tendo a morte como consequência da temporalidade, no entanto nas memórias de suas famílias as histórias permaneceram e, após 72 anos do fim dos conflitos mundiais, filhos e netos de veteranos contam as lembranças daqueles que um dia conseguiriam voltar com vida para casa.

Para poder conhecer as lembranças do conflito vivido pelos expedicionários, naturais do município de Getúlio Vargas/RS, foi realizada entrevistas orais com os familiares dos personagens em questão, em consonância com uma entrevista já transcrita de um deles, além da contribuição para este estudo de um ex-militar do exército que em tempos de guerra foi impedido de seguir aos *fronts* de batalha.

Com isso, o terceiro capítulo será desenvolvido com base nas transcrições das entrevistas e com fundamentação teórica e metodologia em bibliografias referentes à história oral. Sendo assim, o capítulo será trabalhado em dois momentos, o primeiro, direcionado a uma abordagem contextualizada a cerca da história oral como metodologia de pesquisa historiográfica, com suporte em capítulos de obras e em artigos científicos do meio acadêmico.

O segundo ponto, será trabalhado o propósito dessa pesquisa, as entrevistas realizadas dentre o mês de junho a setembro deste ano (2017). O direcionamento das entrevistas se dará

⁷⁶ TOMO II p.231

⁷⁷ TOMO II p.231

de forma linear com as transcrições, incluindo o uso das lembranças fotográficas, tendo grande respeito e um olhar distanciado das individualidades de cada entrevistado.

Cabe apontar que não caberá a esta pesquisa apontar inverdades dos testemunhos recolhidos, levando em consideração as verdades que cada indivíduo possui/cria para suas lembranças ou comodismo do período mencionado, além de não comparar os testemunhos com fontes bibliográficas referentes à Segunda Guerra Mundial.

3.1. A HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA

Quando pensado sobre o uso de fontes orais para a composição de pesquisas históricas, cabe a seguinte pergunta: “O que é história oral?” para Verena Alberti (2000), nada mais é que “uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com atores e testemunhas do passado”.⁷⁸

Os métodos de pesquisas orais estão tipificados em quatro gerações desde o seu surgimento na Universidade de Columbia nos Estados Unidos no início da década de 50, o primeiro período ficou reconhecido pelo uso das fontes Oraís com a tendência de expor a História das pessoas de poder. A segunda geração surgiria na Itália em meados da década de 60 com um direcionamento mais ao lado da esquerda em termos ideológicos, os estudiosos do método prezavam pela história dos esquecidos ou dos “povos sem história”.⁷⁹

Na década de 70 ocorreram dois importantes encontros dos estudiosos desse método, sendo o primeiro no ano de 1975 em San Francisco (EUA) e o segundo no ano seguinte na cidade de Bolonha (ITA), ambos os encontros discutiram pontos importantes acerca da história oral, dando assim, o ponta pé inicial para a terceira geração do método oral. A quarta geração viria junto com a chegada da década de 90 e, com ela o fortalecimento do uso de entrevistas orais como fontes de pesquisas verdadeiras⁸⁰

O uso das fontes orais traz novas perspectivas historiográficas, dando ao pesquisador oportunidade de ir além dos escritos, sendo evidente que os estudos com uso da oralidade se

⁷⁸ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. In: ENCONTRO CLIO-PSYCHÉ: HISTORIOGRAFIA, PSICOLOGIA E SUBJETIVIDADES – PARADIGMAS, 3., 2000, Rio de Janeiro. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: Cpdoc / Fgv, 2000, p.1.

⁷⁹JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Mariela de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 45

⁸⁰*Ibidem*, p.46

faz necessário estar delimitado dentro contemporaneidade, levando em consideração que aos mortos não se questiona, mas sim, aos vivos, e que deles a memória possa alcançar⁸¹.

Nessa linha, a história oral “centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido”⁸², portanto, destaca-se as lembranças individuais sendo essas – por vezes – baseada em lembranças dos grupos que foram inseridos ou até mesmo nas interferências externas que o individuo passa para que se sinta inserido em determinado contexto ou que suas memórias lhe causem conforto e segurança das experiências já vividas.

Matos e Senna (2011) comentam em seu artigo a semelhança que existe entre “memória e imaginação”, onde o “lembrar” tem certa ligação com o “inventar”, e se irmos a fundo ao entendimento da origem ou significado de memória a encontraremos na Grécia antiga como mãe da História, ou seja, [...] os gregos antigos fizeram da Memória uma deusa (Mnemosine), mãe de nove musas inspiradoras das chamadas artes liberais, entre elas a História (Clio)[...].⁸³

Para as autoras anteriormente citadas e agora com base no crítico Alessandro Portelli (2006) as “fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidade, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas, a fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui.”⁸⁴ A utilização das fontes orais se fazem necessárias para o entendimento acerca do estudo do presente, pois é através da oralidade que se pode buscar o entendimento nas crenças, anseios, sonhos e as lembranças do passado.

Portanto, tendo em vista a inexistência de estudos relacionados aos veteranos da Segunda Guerra, naturais do pequeno município de Getúlio Vargas-RS, o uso dos critérios da história oral se faz necessário para a busca do conhecimento do passado dos atores sociais de um fato tão significativo e deveras esquecido. Mesmo que - como citado anteriormente – as histórias narradas tenham suas parcelas de subjetividades, a rememoração do passado se faz necessário para o entendimento do presente.

⁸¹JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Mariela de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

⁸²MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, 2011, p.96

⁸³Idem, p.96

⁸⁴*Ibidem*, p.101

3.2. AS HISTÓRIAS REMEMORADAS

Com a escassez de trabalhos e estudos relacionados aos veteranos da Segunda Guerra Mundial naturais de Getúlio Vargas, optou-se em buscar no Instituto Histórico e Geográfico do município qualquer informação que levasse a descoberta dos militares que se uniram a FEB em 1942 e seguiram aos *fronts* de batalhas na Itália. Em consulta ao acervo de História Oral sobre a criação da cidade chegou-se a uma entrevista já transcrita no ano de 1995 do senhor João Webber, que por coincidência era um Veterano da Guerra.

Através de conversas com colaboradores do Instituto, chegou-se ao segundo provável veterano, o senhor Luís Loss. Traçada a busca pelos ex-combatentes, descobriu-se que ambos já teriam falecido, mas que seus familiares ainda residiam nas redondezas do município, assim e em conversa com a família Webber descobriu-se o terceiro veterano de Getúlio o senhor Jorge Roque Busatta, nada obstante, esse também já havia falecido. Logo, o uso da história oral é muito relevante no campo da História, uma vez que esses agentes da memória também sofrem com a ação do tempo, a exemplo disso é o falecimento desses ex-combatentes que hoje não podem mais partilhar de suas vivências, ficando apenas na lembrança das famílias seus feitos, sendo assim, caracterizando um testemunho que se desdobra em segundo ou até terceiro grau de parentesco.

Portanto, as entrevistas ocorreram com os familiares dos ex-combatentes, no total foram seis filhos e dois netos a colaborarem com depoimentos a cerca das memórias de seus patriarcas, mesmo que ambos depoentes não estiveram no ato da Guerra eles experienciaram as histórias desse período dos próprios atores sociais.

Em meio à entrevista com o filho do veterano Loss, senhor Anselmo Loss, descobriu-se que ainda vivia um grande amigo de seu pai da época em que teria sido convocado para a Guerra, o senhor Nilo Tochetto, que com 96 anos contribuiu com seu relato da vida no quartel na década de 40.

Com pouco mais de 2:30h de entrevistas no formato de “História de Vida”⁸⁵ que visam o conhecimento do indivíduo na história, e com um roteiro previamente elaborado com questões semi direcionadas, onde buscou-se dar um norte as falas dos entrevistados, mesmo assim, por vezes, as entrevistas seguiam para outro contexto, não desvalorizando tamanha importância das mesmas para a história regional.

⁸⁵ ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2013, p.48.

Desde o primeiro dia de busca por veteranos até o ato das transcrições levou o tempo de aproximadamente oito meses, mesmo que o município de Getúlio Vargas seja demasiadamente pequeno, com apenas dezesseis mil habitantes, a procura e localização dos depoentes careceu tempo. As entrevistas foram realizadas do final do mês de Junho a início de Agosto, com as transcrições feitas em meados do mês de Outubro.

A primeira entrevista sobre o senhor Anselmo Loss, que narra com saudações de seu velho pai, Luiz Loss que veio a falecer no ano de 2007 e que descrevia aos conhecidos sobre sua participação no maior conflito bélico da história. O depoimento foi recolhido no último dia do mês de Junho desse ano (2017).

Ambas as entrevistas iniciaram com o questionamento sobre o que os Veteranos comentavam dos sentimentos que nutriam em relação ao conflito e, Sr. Anselmo narra:

[...] ele sempre comentava da Guerra, que era muito triste, pois, ele quando falava ele contava um pouco da história da Guerra e não conseguia mais contar, ele ficava muito emocionado e chorava, eu tinha que parar sobre as perguntas da Guerra com ele.

O segundo testemunho recolhido foi da família Webber, que contou com quatro filhos, Bernadete, Nildo, Nedio, Nelci e a neta Daiane. No formato de dialogo entre os familiares, os depoimentos foram gravados no primeiro dia de Julho desse mesmo ano (2017), e logo após transcritos.

Já a família Busatta, terceira a compor essa pesquisa, contou com os testemunhos de um filho e um neto, senhor Almir e Leandro Busatta que narraram com orgulho à vida militar do patriarca, a entrevista ocorreu no dia dois de Agosto desse ano. Assim como para os outros depoentes, foi perguntado se ainda se lembravam da visão do senhor Jorge Roque Busatta acerca da Guerra, mas “ele não comentava muito o que achava ou não achava”⁸⁶ da guerra. Em contra partida Sr. Almir comenta:

O Pai ele tinha 16 anos e se desentendeu com o vô, né, o pai dele, dai ele pegou uma roupinha e foi lá no quartel em Passo Fundo né, eles não queriam receber ele porque ele era de menor, tinha 15, 16, 15 por ai, dai eles diziam não que tu é muito novo pra ficar ai, não eu quero ficar no quartel e deu, eu não vou pra casa, eu não vou voltar, dai pegaram e seguraram né, dai já tinha aquele motivo da guerra né, dai ele ficou, dai já foi convocado pra ir pra guerra, dai ele foi.

⁸⁶Entrevista feita pela autora no dia 09/07/2017 com a família Busatta.

Senhor Almir se recorda que o veterano Jorge Roque Busatta teria seguido aos campos de batalhas no ano de 1942, e rememora as histórias do pai acerca do sentimento negativo que o mesmo nutria por Getúlio Vargas devido as promessas de reconhecimentos dos praças que retornassem do conflito:

A.B- Mas olha, meu pai falou que o Getúlio Vargas, bastante gente tem o Getúlio Vargas como uma grande pessoa, mas o pai dizia que não é nada do que falam dele, disse que ele é o pior que tem, pra ele é o pior, que prometeu as coisas e nunca foram reconhecido, não chegaram nem a mandar alguma coisa pedindo se precisava de alguma ajuda, né.

A.B- Não depois, né, mas dai eles embarcaram no navio né, e o Getúlio Vargas era o presidente, né, e ele dai quando eles estavam digamos que nuns vinte mil ele foi fala, de um rádio né, e ele prometeu um monte de coisas se voltassem, se algum tinha o privilégio de voltar ia ter tudo aqui, assistência, ia ter muita coisa, tá e foram lá, ficaram um ano, dois não sei, na dita guerra lá, e eles tavam em dez mil, né, e voltou acho que mil e poucos que eram da turma deles que foram, o resto morreram tudo no combate.

Nas três entrevistas realizadas com os familiares dos veteranos perceberam-se as mesmas memórias acerca de drogas estimulantes. Ambos comentam:

Ne.W – Sim, um eles tomavam uma injeção senão um comprimido pra eles brigar se tu enxergava um na frente tu queria só mata não tinha medo e eu não sei se esses nos Estados Unidos aquela loucura que da ali, não é que sobrou alguma coisa, como que o cara vai pegar um fuzil, um rifle ali e sai matando.

A.L – [...] meu pai fala que eles tinham feito tipo uma injeção, assim, cada pracinha que foi pra Guerra, que a pessoa não tinha medo de nada, tanto fazia morre como, como mata como morre, até inclusive muitas pessoas, muitos pracinhas ficaram loucos, deu a reação contrária e ficaram fora de giro por causa daquela vacina lá.

A.B- [...] no Rio de Janeiro eles tiveram tipo uma instrução, né preparação pra Guerra, né, e dai já deram uma antidoping pra eles ter coragem coisa e tal né, dai depois embarcaram pra lá [...]

Já quando indagados sobre o conhecimento dos ex-combatentes a respeito dos motivos de ocorrer a Segunda Guerra Mundial, as respostas são dadas, um tanto quanto vagas, mas destaca-se que não se sabe ao certo se os três veteranos foram para a Itália no mesmo período, então – provavelmente – cada um conheceu e viveu momentos diferentes nessa história. Os filhos apontam:

A.B- Não, ninguém sabia, ninguém ficou sabendo né, porque isso ai era um troço assim que foram paga divida lá né, foram convocados pra ir e nem podiam fazer perguntas nada, nem contato de lá pra cá, nunca tiveram.

N.W- A ele não sabia, porque ele estava em Passo Fundo!

A.L- Olha, é até acho que ele sabia os motivos reais da Guerra, só que ele... e... eles foram assim, [...]

O trajeto de ida para a Guerra é algo marcante nos depoimentos, onde se destaca a precariedade dos veículos de transporte, tanto na questão terrestre quanto marítima.

E.B- E em relação ao deslocamento, da ida deles pra Itália, como que foi, ele comentava sobre isso?

A.B- A ida foram de trem né, pegaram em Passo Fundo e foram

L.B- Até o Rio de Janeiro?

A.B- É até o Rio de Janeiro, mas o trem era assim ó, não era trem de passageiros era trem de carga e tinha os vagões que antes levavam os bois, diz que deram uma lada dai depois diz que eles lá dentro, cada vagão era tudo fechado, lá não sei quantos mil soldados tinha cada vagão né, dizia que não tinha banco pra sentar, não tinha nada, ia sentado no chão, deitado no chão pra dormir e eles iam indo, eles tinham cozinha, tudo no trem Maria Fumaça acho que era, quando era meio dia parava o trem fazia a refeição e continuavam, oito dia demoraram pra ir daqui ao Rio de Janeiro, oito dia dentro de um trem velho.

L.B- E pra atravessar São Paulo demoraram quanto?

A.B- Um dia e uma noite pra atravessar São Paulo, pensa naquela época, imagine hoje, né. Que eu sei por que o pai não contava muita coisa né, ele tinha um trauma, uma coisa.

Imagem 1 - Navios de transportes de passageiros.



Fonte: Arquivos Família Busatta.

Imagem 2 – Navio de transporte de passageiros.



Fonte: Arquivos Família Busatta.

Ne.W - [...] foram até o Rio de Janeiro de trem, aqueles trem de antigamente e do Rio de Janeiro foram de navio até a Itália, não sei se dezoito noite e dezoito dia ou dezoito dia e dezoito noite e chegaram na Itália.

A.L – A ida dele pra Itália, ele ficou... parece que... não sei dizer, uns três, quatro meses no Rio de Janeiro, depois pegaram o navio e foram de navio para a Itália.

Como exemplo desse fato da “ida à Guerra” temos essas imagens concedidas pelo senhor Almir Busatta, que com saudosismo afirma ter sido esse o meio de transporte que o Veterano Jorge e os demais combatentes utilizaram para poder atravessar o Atlântico rumo as terras italianas.

Já na Itália a comunicação com os familiares aqui no Brasil era precária, na década de 40 elas eram feitas por cartas ou por mensagens via rádio, porém em relação aos combatentes aqui pesquisados as informações dadas é que não se conseguia manter comunicação com os familiares aqui no Brasil, assim como lembrado:

E.B - E ele conseguia se comunicar com as famílias aqui no Brasil?

Ne.W - Só se com carta alguma coisa, porque naquele tempo não tinha nada.

A.L- Sim, ele se comunicava por correspondência, mas aí tá um porém, quando ele colocava as correspondências lá, os próprios comandantes, sei lá, alguém não deixava as correspondências chegar no Brasil, então minha, minha avó e meu vô ficavam sem comunicação, não sabiam se ele tava vivo ou tava morto e eles mandavam as correspondências daqui pra lá e meu pai não recebia e nem aqui não recebia as correspondências.

A.B- Não, nunca se comunicou, não tinha como se comunicar.

As memórias dos familiares ficaram marcadas com as histórias contadas pelos ex-combatentes, em relação aos conflitos e o dia-a-dia nos campos do norte Italiano, ambos apontaram as violências que seus pais contavam:

A.L- [...] ele falava que era muito triste, a bala pegando um amigo dele lá na Guerra, tava todo sem braço sem perna, morrendo e ele não podia sair da onde tava escondido pra socorre, porque se ele sair ele podia morrer, a bala tava pegando né, via as pessoas sem braço sem perna, então por isso que ele se emocionava, começava a chorar e não conseguia nem sair a voz e não falava mais a história da Guerra, daí eu tinha que parar, e conseqüentemente em outra oportunidade começava o assunto pra ele falar, é muito triste.

NE.W – Ele só contava que onde matavam, combatiam, chegava fazer, corria sangue que parecia uma corrente de água. E o Carlo Taliano o marido da dona Amalia, aquele me falou que eles atiravam com metralhadora assim que chegava a esquentar e botavam água pra esfriar. E depois quando eles morriam diz que abriam as valas de trator e jogavam tudo lá, era um por cima do outro virado.

A.B- [...] o combate do monte castelo diz que durou dois dias, e eles ficaram, né porque o monte castelo era no caso a fortaleza dos caras, né, dos outros, e eles vinham com a munição por traz assim e em cima ali ninguém enxergava, uma fortaleza, e o monte era alto e eles vinham por terra, vieram vindo e quando chegaram com metralhadora, mas não pegava neles, que nem o pai teve sorte de ficar naquela parte, e o que estivesse para traz matavam tudo, e a bala diz que passavam assim de rajada a dez centímetro, quinze centímetro, e eles ali, diz que chovendo e eles enterrados ali quietinhos, espertando a hora de atacar né, e se levantassem o ombro atorava né, aquilo era bala que passa uma atrás da outra. E daí foi, foi que começo a ver os aviões a bombardear por cima né avião Brasileiro ou deles lá, e bombardeavam onde eles subiam com a munição né e não conseguiam mais nem abastecer e daí que chegou a um ponto que eles terminaram as armas e munição e levantaram a bandeira, né a infantaria terminou que atacavam e daí os outros se entregaram, né, daí que foi o último combate, e ele falou da cidade lá, não me lembro o nome da cidade, não lembro agora, mas tem lá em Passo Fundo, que eu levava o pai duas vezes por ano, que se precisa tem lá. Mas a cidade lá na Itália, eu me lembro que ele falou, ficou destruída, e tinha um riozinho que passava no meio da cidade, diz que passava, corria água vermelha de sangue.

Em consonância com os depoimentos, a família do Veterano João Webber preserva as poucas fotos e objetos trazidos pelo pai do período em que esteve na Guerra. Como a fotografia que segue de João Weber com o uniforme que usava para o combate, sendo essas imagens uma espécie de orgulho com misto de tristeza que os familiares possuem sobre tal fato.

Imagem 3 – Veterano João Webber com as vestimentas da Segunda Guerra



Fonte: Arquivos família Webber

Imagem 4 – Dia de neve nos campos de batalha na Itália durante a Segunda Guerra Mundial.



Fonte: Arquivos família Webber

A imagem acima retrata um dos momentos de descontração de soldados brasileiros nos campos gelados da Itália, vê-se quatro soldados, dentre eles o senhor João Webber construindo uma estátua de neve.

Imagem 5 – Avião usado em combates.



Fonte: Arquivos família Webber

Imagem 6 – Artifício bélico usado em combate pelos febianos.



Fonte: Arquivos família Webber

Depois de se depararem com as dificuldades de uma Guerra Mundial, chegara à volta para a casa, momento de felicidade para todos aqueles que estavam diariamente de frente para a morte, mas para o Veterano Jorge Roque Busatta à volta para casa teria sido um tanto quanto dramática, assim como a família comenta:

E.B- E o retorno do conflito?

A.B- Tá dai, terminou e eles foram a Portugal e ficaram um dia e uma noite lá, dai em Portugal embarcaram de novo e chegaram no Rio de Janeiro né, desembarcaram, mas ele disse que desembarcaram e não tinham pra onde ir, que ninguém foi receber, largaram eles, dai no outro dia eles foram pra São Paulo num hotel e depois pegaram um trem cargueiro e vieram parando na Estação, dai ele disse que chegaram na Estação era umas três da manhã, dai ele desembarcou ali na ferroviária, era ele e um amigo dele lá do Butiá, dai esse amigo dele não tinha pra onde ir, três da manhã ia ir pra onde, dai o pai disse, vamo lá em casa que dali da ferrovia até onde meu avo morava dava o que, mil metro eu acho, dai eles foram né, dai chegaram na madrugada e bateram na porta, dai minha nona, minha finada avó levantou abriu a porta levou aquele choque e morreu na hora e dai que ele nem pensou tavam naquela alegria de chegar em casa.

L.B- Tinham que ir preparando o campo, mandado outro na frente.

A.B- Ou esperado clarear o dia, mas é que a nona acho que também ia levar o cheque, porque a notícia era que não tinha sobrado nenhum.

L.B- Pensa tu ficar um ano sem saber nada.

A.B- Dai o pai ficou lá na estação por um tempo, o pai ficou meio assim, não tinham acompanhamento, um psicólogo, naquela época não tinham nada né, eles tinham que ter da um, que nem aqueles que hoje da um trauma no cara eles tem de tudo né e aquela época não tinha nada, dai ele pegou e foi né, comprou uma terra lá em Ipiranga fez uma casinha e ficou lá, pro resto da vida morou lá.

As famílias Loss e Webber rememoram a volta para casa de seus pais: “Meu Deus, eles loucos de faceiros”⁸⁷, “foi uma surpresa né, porque os familiares do meu pai, o meu avô minha avó, eles pensavam que ele tava morto”⁸⁸. Com o término da Guerra os veteranos voltaram, mas com eles veio à frustração, problemas comportamentais e o desamparo, como já posto anteriormente. Sobre isso, todas as famílias entrevistadas lembraram:

A.B- Em 78 que ele conseguiu um, era uma pensão, mas era pouco, dai depois que dai ele entrou numa associação e começou a ganhar um pouco mais, e o Getúlio Vargas prometeu que se algum chegasse ia ter tudo, ele ia ter o salário de graduado né, mas capaz se quisesse comer ele tinha que trabalhar, e depois o pai ficou muito doente, pense um trauma desses ai, aquilo ali não é bem assim.

A.L – Olha, ele ficou normal, só que ele era uma pessoa um pouco nervosa, inclusive até pra mim saber toda a história da Guerra, ele começava a contar um pouco a história da Guerra e começava a chorar dai eu tinha que parar, mandava para esquece, deixa pra lá, depois num outro dia, deixava uns dias de folga dai eu começava da onde que ele parou naquele assunto, perguntava pra ele, pra mim saber a história da Guerra [...].

D.Z- Eu não me lembro muito do vô, só me lembro que ele era ruim, muito ruim, bem nazistão, sabe? Bem, eu tinha muito medo dele.

⁸⁷ Entrevista feita pela autora no dia 01/07/2017 com a família Webber.

⁸⁸ Entrevista feita pela autora no dia 30/06/2017 com a família Loss.

Por mais que ambos entrevistados se recordem da falta de reconhecimento e desamparo que o Veterano teriam sofrido, os familiares do ex-militar Busatta e Loss se recordam das idas ao município de Passo Fundo para os desfiles de Sete de Setembro, a família Webber afirma que o senhor João nunca teria ido desfilhar junto aos praças:

E.B- E ele ia a Passo Fundo desfilhar no Sete de Setembro?

3- Não, nunca foi, só em Getúlio tinha daí, foi arrumado uma farda e eu fui na prefeitura e arrumei uma espingardona velha pra ele desfilhar em cima do carro.

A.L- [...] eu levava em Passo Fundo na praça da Bandeira no desfile de Sete de Setembro e as vez em quando se reunia em Passo Fundo todos os ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial.

A.B- [...] em Passo Fundo, que eu levava o pai duas vezes por ano[...]

Imagem 7 - Veterano Luis Loss no desfile de Sete de setembro em meados da década de 90 no município de Passo Fundo.



Fonte: Arquivos família Loss.

Essa questão das comemorações sobre a Guerra e a participação do Brasil é algo que transcende à questões familiares, muitas vezes como mostra a fotografia acima, esses ex-combatentes eram convidados a desfilhar e mostrar sua experiência em desfiles em comemoração a datas de orgulho nacional em específico, como exemplo os desfiles do Sete

de Setembro. Enfim, um fato que perpassa não apenas o veterano e seus familiares, mas toda uma comunidade.

Pelas lembranças dos entrevistados compreende-se que os veteranos trouxeram lembranças além de suas memorizas, apenas o senhor Anselmo Loss não comenta sobre quaisquer objeto trazido para o Brasil, pelo seu pai dos campos da Guerra, entretanto a família Webber ainda guarda parte dos objetos trazidos pelo pai e o senhor Almir Busatta comenta:

A.B- Mas olha, essa veste foi com ela que ele foi enterrado, essa é da associação dos Ex-combatentes, e o pai trouxe a roupa de lá, ta lá na colônia, ficou pro Dani meu sobrinho, tinha varias coisas, o coturno o cinturão, mas com o tempo foi se perdendo, tinha as armas que ele trouxe de lá, uma parte deixou no hotel em São Paulo ele não conseguiu trazer tudo, ele não podia ver aquilo, não era muita coisa também mas dai ele queimou, mas lá tem um monte de coisa, tem fotos, tem a foto da tomada do Monte Castelo, tem as fotos que eles estavam no acampamento, e tem o diário que ele escrevia todos os dias, a e tinha um quadro do Papa que ele foi num, acho que era o Pio Doze eles foram tomar a benção do Papa em Roma.

Imagem 8 – Veterano Jorge Roque Busatta com as vestes da associação dos ex-combatentes.



Fonte: Arquivos Família Busatta.

Imagem 9 – Pertences de guerra do Veterano João Webber



Fonte: Arquivos família Webber.

A imagem acima retratada condiz ao pequeno acervo que os filhos do senhor João Webber mantem com grande honradez das lembranças que o pai trouxe da Guerra, como por exemplo, a caneta tinteiro e a caneta bussola utilizadas em combate, e as cédulas e moedas italianas, e a amedalha febiana atribuída aos combatentes que não teriam cometido atos que os desabonassem.

Além das imagens postas acima a família Webber guarda com grande orgulho o certificado (imagem 10) que o pai recebeu na volta ao Brasil, o documento afirma a participação do veterano nos campos de batalha da Itália e declara que a partir do dia primeiro do mês de Outubro de 1945 ele se tornaria um reservista do exército nacional.

Imagem 10 – Certificado de Reservista do Veterano João Webber.



Fonte: Arquivos família Webber.

Como já comentado no início desse capítulo, será exposto parte da entrevista do Veterano João Webber já transcrita pelo Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas, entretanto destaca-se os pontos que são rememorados com divergências, ou seja a família do veterano narra as memórias do conflito de forma geral, já o ex-combatente traz as lembranças um pouco mais detalhadas e de momentos não abordados pelos seu filhos. Webber testemunha no ano de 1995 e se recorda dos momentos que antecederam a sua chegada na Itália.

185.MFBS – E daí, como é que foi o episódio da participação na Guerra ?

186. JW – A participação foi no dia de Natal. Então oito dias antes do natal eles nos mandaram pra Porto Alegre, digo, pra Santa Maria.

187. MFBS – De que ano, o Senhor se lembra?

188. JW – Ah, agora não me lembro que ano que foi! Mas fomos em Santa Maria, inspeção de saúde. Ficamos sete, oito dias lá, quando viemos de volta, disse: “Oh... você, você, você, você... fora de forma, venham pra cá! “Bom, nós achamos, digo: “O que é que eles querem?” Disse: “Olha, você amanhã vai ter que embarcas, ir de expedicionário. “Daí, o que é que vou fazer? Então escrevi uma carta ali na Estação para ver se enxergava algum pra entregar a carta.

189. MFBS – Para avisar sua família?

190. JW – Mas não tinha um. Mas não tinha ninguém, ninguém lá na... Daí tinha o falecido Jacó Wanin e o Rafael Giaretta, dai eu dei a carta pra eles, digo: “Manda lá pra Floriano”, pra Coxilha Seca, era naquela tempo. Então o falecido Rafael pegou o cavalo e foi levar a carta em casa, pro falecido pai.

191. MFBS – Pra avisar seus pais que o senhor estava indo pra guerra?

192. JW – E dai fomos, levamos, dia de Natal embarcamos ali em Passo Fundo e fomos para o Rio.

193. MFBS – Rio de Janeiro?

194. JW – Rio de Janeiro. E lá ficamos sete, oito dias no Rio. Depois quando veio o navio nós embarcamos no navio. Levamos dezenove dias e dezenove noites pra primeira apeação do navio. Fomos e desembarcamos em Pistóia. Depois de lá pegamos um caminhão e andamos quase meio dia pra chegar num colégio velho que tinha lá. Ficamos lá sete, oito dias.

Quando questionado pelo entrevistador, o ex-combatente narra à chegada das tropas brasileiras na Itália e os motivos da sua não participação nos combates:

196. JW – Lá na Itália. Lá ficamos sete, oito dias e depois quando veio o navio dai embarcamos nele e oh fififi....! Dezenove dias, dezoito noites sem ver, era só olhar pra cima era azul, olhar pra baixo era a mesma coisa, água, só água, só água...

197. MFBS – E depois?

198. JW – E depois quando chegamos lá na Itália desembarcamos do navio grande, pegamos outro navio, andamos mais umas cinco, seis horas. Daí pra pegar outro navio menor. Andamos quatro dias e cinco noites com aquele navio pequeno. Apeamos do navio, pegamos um caminhão... era um fusca, fusca no clarear do dia e desembarcamos no escurecer. Daí o comandante lá disse: “Querem se fazer uma cama ali? Arrastem alguma coisa” mas era só espinho de pinheiro que tinha. Fazer o quê? Deram umas cobertas, umas mantas. Dormimos lá no chão mesmo.

199. MFBS - E tinha muitas pessoas daqui que foram e do quartel de Passo Fundo?

200. JW – Tinha, tinha bastantinho.

201. MFBS – O senhor não lembra quantas pessoas?

202. JW – Mas daqui de Passo Fundo nós fomos mais ou menos cinquenta, sessenta. Mas no navio nós estávamos em dez mil.

203. MFBS – Dez mil brasileiros?

204. JW – Dez mil pessoas tinha em cima do navio.

205. MFBS – E depois lá, como foi, o Senhor participou do combates?

206. JW – Não participei porque me deu caxumba.

207. MFBS – O senhor ficou doente?

208. JW – Fiquei doente. Baixei enfermaria, fiquei quinze dias baixado na enfermaria. Quando dei alta da enfermaria eu fui lá na barraca, nós estávamos em dezenove na barraca, olhei pra dentro, não tinha ninguém, tinha só a minha roupa. Aí saí pra fora, olhei pra cá, pra lá, aí tinha um comandante, um capitão que disse: “O que tu estás olhando?” Digo: “Onde está a minha turma?” Disse: “Olha lá embaixo eles estão esperando um caminhão pra irem combater na frente. Se tu quiseres ir lá vê-los.” Digo: “Nem vou, nem vou.” Disse: “Então pega a tua roupa, passa pra cá, fica aqui conosco.” Aí peguei a minha roupa, fui lá, me deram lugar e arrumei lá e disse: “Daqui uns três dias temos uma marcha de trinta quilômetros, com trinta e dois quilos nas constas.” Digo: “Tá, tá bom” Saímos, quando saímos com a marcha, daí faltava pouco pra dar o primeiro descanso. Vinha o comandante da guerra, com duas bandeiras brancas dizendo: “Terminou a guerra, e terminou a guerra e terminou a guerra.”

Com o término da Guerra, o senhor Webber narra à volta para casa com a primeira parada no Rio de Janeiro, na seguida em São Paulo dai sim, de trem rumo a Estação/RS, rememorando as mortes de dois amigos durante a viagem de volta para casa:

227. MFBS – E assim, aconteceram mortes, a perda de algum amigo?
 228. JW – Dois, dois ficaram no navio. Morreram.
 229. MFBS – Na guerra não?
 230. JW – Não, não. Na guerra, daqueles que foram não ficou um lastimado. Nada. Nada. Nada.
 231. MFBS – No navio de volta?
 232. JW – No navio de volta morreram dois.
 233. MFBS – Por outras doenças?
 234. JW – Claro! Eles sofriam da... Não sei do que eles sofriam... E daí eles morreram...
 235. MFBS – E foram jogados no mar?
 236. JW – Foram pra água.

Já o Senhor Nilo Tochetto com 96 anos de vida, ex-militar e reservista do Quartel de Passo Fundo/RS, que com grande lástima se recorda que não permitiram que participasse da Guerra, mesmo que fosse um grande atirador, preferiram mantê-lo em território brasileiro. Mesmo assim ele mostra aos que o visitarem com orgulho o certificado de reservista recebido no ano de 1942 após pedir baixa do quartel. Tochetto se recorda:

- E.B- Mas senhor Nilo, sobre o quartel, o que eles falavam sobre a Segunda Guerra?
 N.T- Olha, não tinha terminado a guerra quando eu dei baixa, mas os pracinhas que foram pra lá, eu tive um colega que foi eu não pude ir, bom eu não fui.
 E.B- Porque que o senhor não foi?
 N.T- Bom, essa é uma pergunta maravilhosa que tu me fez, no quartel quando eu fui pro quartel eu já sabia atirar de fuzil que era uma barbaridade, então ele me perguntou, como é que tu meche num fuzil, desarma um fuzil? A eu digo meu pai foi na revolução de 30 e eu fui para na Vila Aurea, dai quando eu fui pro quartel até a profissão de sapateiro eu já sabia, dai sai de lá e voltei pra casa e fui me apresentar como voluntario no quartel, mas eu não fui pra guerra na Itália porque eu fiz um curso de especialização e não me deixaram ir, e eu louco pra ir, tu já viu essa?
 E.B- Não te deixaram ir pra Guerra?
 N.T- Não, essa pergunta que tu tinha feito primeiro, como eu fiz a especialização do exercito militar não se podia fala, como se fosse hoje especialista e coisa e tal, ta, dai eu fiz o curso e passei, ai então eu comecei quando fazia patrulha eu a comandava, lá foi criado aquela coisa toda, mas passo, dai quando fizeram a chamada de quem ir em 42, lá já tavam brigando a horas, eu disse pro comandante que se a turma de Passo Fundo vai eu podia entrar, porque eu tinha aquele curso especial dai eu já tava treinado em tiro né, tinha dois diploma de tiro em primeiro lugar, até hoje tenho a arma, depois te mostro, mas então eu fiquei no quartel e em 42 pedi a baixa mas depois eu tinha que me apresentar a cada 30 dias até que terminou essa porcaria de Guerra, casei e ainda precisava me apresentar na junta, por causa da guerra, mas dai quando terminou eu fiquei livre, mas eu tava só esperando ser chamado, mas eu tive amigos que foram e teve os que ficaram morto lá, aqui o ultimo que faleceu a esses tempos foi o Loss.

Imagem 11 – Certificado de reservista.

MINISTERIO DA GUERRA
R. M.
Certificado de Reservista de 1ª Categoria
Nº 318319

Certificado na cidade de Passo Fundo no dia 11 de Janeiro de 1942
na classe de Reservista de 1ª Categoria no município de Passo Fundo Estado de Rio Grande do Sul e incorporado no ano de 1942 no quadro de reservistas de 1ª categoria

IDENTIFICAÇÃO

Filho de Manoel Tochetto e de Maria Rosa Tochetto
Natural do Estado de Rio Grande do Sul Município de Passo Fundo Cidade (lugar) de Passo Fundo
Data de nascimento 22-12-1904
Vaiando de idade 37 anos e 11 meses e 19 dias
Profissão (atividade) como civil agricultor
Outras notas: reservista para tempo

Cidade (lugar) de Passo Fundo
Estado de Rio Grande do Sul
Altura 1,74
Mente 1,74
Rosto 1,74
Boca 1,74
Suares parciais 1,74

O Portador Foi Inscrito Eleitor Sob No. 1242 Nesta 20ª Zona ELEITORAL de Passo Fundo

RESERVISTA ATIVO

Unidades onde serviu: 1ª Companhia de Engenharia
Tempo de serviço (incluindo em Especialidades) 2 anos e 11 meses e 19 dias excluído em 1942
Graduação: 1ª Categoria

VISTO em 11/1/42
Distrito de mobilização Passo Fundo

Em caso de mobilização deverá apresentar-se ao Centro de Mobilização em Passo Fundo no dia da mobilização em 11/1/42

OBSERVAÇÕES
A) Este certificado poderá ser substituído oportunamente pela carteira correspondente.
B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, se não houver autoridade militar), com o devido meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe for atribuído.

Fonte: Arquivo pessoal do senhor Nilo Tochetto.

O senhor Tochetto guarda com grande estima o Certificado de Reservista de Primeira Categoria (imagem 11) que recebeu no em Janeiro de 1942 após pedir baixa no Quartel de Passo Fundo. No documento encontra-se toda a identificação do reservista, e a informação que perante qualquer necessidade o soldado deveria ir atrás do transporte para chegar até o local das mobilizações.

Imagem 12 – Senhor Nilo Tochetto com 79 anos.



Fonte: Folha Regional⁸⁹

⁸⁹Disponível em: <<http://afolharegional-afolharegional.blogspot.com.br/2010/08/getulio-vargas-camara-entregatroufeu-75.html>> acesso em 05/10/2017

Os depoimentos expostos nesse capítulo fazem parte da história dos esquecidos, das lembranças dos que viveram o resto de suas vidas no interior Gaúcho, deslembados e pouco valorizados por aqueles que um dia usaram-vos como máquinas de manuseio bélico, além disso, observam-se os traumas que a guerra trouxe para esses homens, e perguntas em aberto do porque um homem com treinos de tiros, saudável, não pode combater junto à FEB na Itália. Além das subjetividades encontradas nas falas, que como comentado no início desse capítulo, por vezes a memória trabalha para os que a tem se sintam confortáveis contando-as.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Guerras mundiais ocorridas no século XX mudaram o rumo da história de milhões de pessoas, tanto dos que nelas lutaram quanto os que apenas sentiram as consequências das ações bélicas e governamentais. Portanto, ao propor uma recuperação da memória dos combatentes da II Guerra Mundial oriundos do município de Getúlio Vargas (RS) tinha-se como pretensão não permitir que a temporalidade apagasse a memória desses homens que por meses defenderam seu povo e sua nação.

Ao se adentrar na contextualização que Ricardo Seitenfus e Francisco Ferraz trazem, fica evidente tamanhos interesses que rondavam as decisões acerca da participação brasileira no conflito, e observa-se que mesmo com tamanhas dificuldades e despreparo dos civis envolvidos é criada a Força Expedicionária Brasileira (FEB) para levar e agrupar os combatentes para os confrontos armados. Além disso, destaca-se a relevância dos estudos e pesquisas de autoria de dois professores em questão, pois ambos possuem uma forma ímpar de abordagem, além de serem referência nos estudos sobre contemporaneidade da Segunda Guerra no Brasil, Seitenfus com as questões que levam o Brasil ao conflito e Ferraz sobre os brasileiros na Guerra.

Em relação à criação da FEB, atenta-se para as análises das dissertações que trazem a abordagem sobre a mesma, que por mais importância que esta tenha tido no envolvimento do Brasil com os Aliados ela veio a ser inutilizada com o fim da Guerra. Além disso, destaca-se a importância das análises relacionadas às dissertações em questão, que com grande relevância aborda de forma atualizada essa temática, em que podemos perceber o que se anda publicando academicamente falando na historiografia sobre o fato. E, em consonância com a mais importante coleção de entrevistas relacionadas aos combatentes da Segunda Guerra Mundial, as

análises dos sete depoimentos selecionados mostram que cada combatente possui uma realidade, mesmo que determinados pontos das narrativas se cruzem os sentimentos e as especificidades de cada veterano surge de forma irregular, claro, não reduzindo a importância dos depoimentos, pelo contrário, engrandecendo os com cada detalhe da vivência dos militares no antes, durante e pós guerra.

Seguindo na linha das entrevistas da coleção de livros publicados pelo Exército Brasileiro, os depoimentos das famílias dos veteranos de Getúlio Vargas (RS) vêm ao encontro da necessidade de se recuperar a memória desses homens, que no pequeno município do norte Gaúcho foram esquecidos. E isso, essa pesquisa faz e recupera as lembranças que os familiares possuem acerca da participação dos pais no conflito, memórias que por vezes seguiram no caminho do comodismo – se sentir bem ao contar -, mas em momento algum desmerecendo o ato da rememoração desses indivíduos, além das palavras proferidas pelos entrevistados o sentimento de orgulho que nutriam era evidente, ao mostrar aos fotos do conflito e dos Veteranos.

Essa pesquisa, portanto, trouxe a recuperação das memórias desses combatentes, deixando questões que em pesquisas futuras poderão ser respondidas, como por exemplo, o fato de um militar treinado, apto e com vontade de ir para a Itália combater junto aos Aliados, foi impedido de seguir junto com os colegas de quartel. Apesar disso, o uso da História Oral nessa pesquisa possibilitou amostragem voltada a memória dos combatentes até antes nunca estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Indivíduo e biografia na história oral. In: **Encontro Clio-Psyché: Historiografia, Psicologia E Subjetividades – Paradigmas**, 3., 2000, Rio de Janeiro. Indivíduo e biografia na história oral. Rio de Janeiro: Cpdoc / Fgv, 2000.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2013.

ALENCAR, Francisco Sobreira (Org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 306 p. (2).

COSTA, Marcos Antonio Tavares da. **A Força Expedicionária Brasileira: Memórias de um Conflito**. 2009. 254 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

FERRAZ, Francisco César. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Cromosete, 2005. p.79.

FERRAZ, Francisco César Alves. BRASIL E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (Org.). **Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX: As Grandes Transformações do Mundo Contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 91-94.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Mariela de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & Abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 43-63.

HOBBSAWM, Eric. **Era Dos Extremos: O breve século XX: 1914 - 1991**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

LAPORT, William Pereira. **A Atuação da Justiça Expedicionária Brasileira no Teatro de Guerra da Itália (1944-1945)**. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **HISTÓRIA ORAL COMO FONTE: problemas e métodos. *Historiae***, Rio Grande, 2011.

PETITO, José Gustavo (Org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 315 p. (3).

ROSA, Alessandro dos Santos. **A Reintegração Social dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SALAFIA, Anderson Luiz. **A cobra vai fumar!** Disponível em:
<<http://www.portalfeb.com.br/a-cobra-vai-fumar/>>. Acesso em: 09 out. 2007.

SEITENFUS, Ricardo. **O Brasil Vai à Guerra: O Processo de Envolvimento Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. 3. ed. Barueri: Manole, 2003. 365 p.

SEITENFUS, Ricardo. A vida e a história: reflexões sobre o Brasil e a Segunda Guerra Mundial. In: AXT, Gunter et al (Org.). **Da vida Para a História: Reflexões sobre a Era Vargas**. 2. ed. Porto Alegre: L3 Design, 2005. p. 127-134.

SILVA, Geraldo Luiz Nery (Org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 377 p. (4).

SILVA, Geraldo Luiz Nery (Org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 377 p. (5).

SILVA, Geraldo Luiz Nery (Org.). **História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. 377 p. (6).

SOARES, Izaac Erder Silva. **Um Narrador de si e da Guerra: Testemunhos de um Praça da Força Expedicionária Brasileira**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2014.

FONTES

a) Entrevistas realizadas pela autora

Anselmo Loss. Entrevista concedida a Ediana C. A. Braciak. Getúlio Vargas, 30/06/2017.

Bernadete Terezinha Webber, Daiane Paula Zanellato, Nedio Antonio Webber, Nelci Fátima Zanellato, Nildo Gaetano Webber. Entrevista concedida a Ediana C. A. Braciak. Florianópolis, 01/07/2017.

Almir Busatta, Leandro Busatta. Entrevista concedida a Ediana C. A. Braciak. Getúlio Vargas, 09/07/2017.

Nilo Tochetto. Entrevista concedida a Ediana C. A. Braciak. Getúlio Vargas, 02/09/2017.

b) Entrevista realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GETÚLIO VARGAS. Entrevista com Sr. João Webber. Coletada no ano de 1995 - Acervo do Instituto.

APÊNDICES

ENTREVISTA ANSELMO LOSS

Data: 30/06/2017

Abreviaturas:

A.L – Anselmo Loss

E.B – Ediana Braciak

E.B – Seu Anselmo, o senhor te lembra do que o teu pai achava da Guerra?

A.L – Sim, ele sempre comentava da Guerra, que era muito triste, pois, ele quando falava ele contava um pouco da história da Guerra e não conseguia mais contar, ele ficava muito emocionado e chorava, eu tinha que parar sobre as perguntas da Guerra com ele.

E.B – O senhor Luiz sabia os reais motivos da Guerra, ou ficou sabendo quando voltou?

A.L – Olha, é até acho que ele sabia os motivos reais da Guerra, só que ele... e... eles foram assim, meu pai fala que eles tinham feito tipo uma injeção, assim, cada pracinha que foi pra Guerra, que a pessoa não tinha medo de nada, tanto fazia morre como, como mata como morre, até inclusive muitas pessoas, muitos pracinhas ficaram loucos, deu a reação contrária e ficaram fora de giro por causa daquela vacina lá.

E.B – E em relação ao deslocamento, a ida dele pra Itália, como foi?

A.L – A ida dele pra Itália, ele ficou... parece que... não sei dizer, uns três, quatro meses no Rio de Janeiro, depois pegaram o navio e foram de navio para a Itália.

E.B – Ele tinha alimentação normal?

A.L - Tinha, tinha... tinha a alimentação normal né, da Guerra né, alimentação básica.

E.B – O senhor Luiz chegou a comentar como era lá, o local onde ele foi?

A.L – Sempre comentava, é era a Itália, até trouxe as fotos tudo, é uma cidade antiga, como eu conheço hoje também né, é... o local era todo vigiado, todo sob medida, tudo, desde comida, tudo, tudo, tudo controlado, né.

E.B – E ele sabia o local para onde estavam indo?

A.L – Sim, sabia que era pra Itália né, pra Itália, já foi, já saiu o navio daqui, do Brasil destino a Itália.

E.B – Ele se comunicava com a família aqui no Brasil, como?

A.L – Sim, ele se comunicava por correspondência, mas aí tá um porém, quando ele colocava as correspondências lá, os próprios comandantes, sei lá, alguém não deixava as correspondências chegar no Brasil, então minha, minha avó e meu vô ficavam sem comunicação, não sabiam se ele tava vivo ou tava morto e eles mandavam as correspondências daqui pra lá e meu pai não recebia e nem aqui não recebia as correspondências.

E.B – Como foi o retorno do conflito?

A.L – Olha, o retorno do conflito foi assim, foi uma surpresa né, porque os familiares do meu pai, o meu avô minha avó, eles pensavam que ele tava morto, não tinham comunicação com ele, justamente como eu falei né, que eles não tinham, não recebiam correspondências e eles mandavam daqui pra lá e meu pai não sabia, tavam sem comunicação todo esse tempo né, então, inclusive receberam ele com festa, fizeram uma festa, um dia inteiro de festa, foi bem legal.

E.B – Como o senhor Luiz ficou depois da Guerra, com a volta ao Brasil?

A.L – Olha, ele ficou normal, só que ele era uma pessoa um pouco nervosa, inclusive até pra mim saber toda a história da Guerra, ele começava a contar um pouco a história da Guerra e começava a chorar daí eu tinha que parar, mandava para esquece, deixa pra lá, depois num outro dia, deixava uns dias de folga daí eu começava da onde que ele parou naquele assunto, perguntava pra ele, pra mim saber a história da Guerra, porque ele falava que era muito triste, a bala pegando um amigo dele lá na Guerra, tava todo sem braço sem perna, morrendo e ele não podia sair da onde tava escondido pra socorre, porque se ele sai ele podia morrer, a bala tava pegando né, via as pessoas sem braço sem perna, então por isso que ele se emocionava, começava a chorar e não conseguia nem sair a voz e não falava mais a história da Guerra, daí eu tinha que parar, e conseqüentemente em outra oportunidade começava o assunto pra ele falar, é muito triste.

E.B – Seu Alsemo, fique a vontade pra me contar mais informações e as curiosidades sobre o antes, durante e o pós Guerra do senhor Luiz.

A.L – O antes é... meu pai morava aqui em Getúlio, do Rio Paulo, foi servir e ficou cinco anos no quartel ali em Passo Fundo que depois veio a Segunda Guerra Mundial e foi convocado pra ir pra Segunda Guerra Mundial, daí ele foi e ficou todo esse tempo e inclusive como eu já falei, sem comunicação, minha avó meu avô pensavam que até ele tava morto porque não tinha comunicação com ele, eles não recebiam nada de correspondência nenhuma de lá pra cá né, e como ele voltou e eu fui crescendo e querendo saber as curiosidades da Guerra e assim como eu comentei antes, que ele contou, eu sei toda a história da Guerra e foi

muito difícil pra mim, ele teve que me contar por etapas porque ele não conseguia dar continuidade daquele assunto até o final porque ele ficava muito nervoso e chorava, é muito triste a história da Guerra, ele disse que a pior coisa que pode existir é uma Guerra, as pessoas, o próprio ser humano tá se matando um ao outro e o triste era vê os colegas deles morrendo e ele não poder socorrer não poder ajudar, e ele voltou pra cá e continuou a vida normal né, só que era só um pouco uma pessoa nervosa por causa do efeito, ele me falou que eles fizeram que nem uma vacina pras pessoas ficarem meio dopada, vamo dizer, a maneira... como que vou explicar se fosse hoje, era tipo uma droga, tanto fazia morrer ou matar eles não tinham medo de nada, era assim, eles tavam lá, o que mandavam fazer eles faziam, é muito triste mas essa é a realidade da guerra era isso aí, traz muita tristeza e ele era assim... uma pessoa normal só que quando alguém queria saber história da guerra, ninguém conseguia saber toda história da guerra.

E.B – Em que ano ele faleceu?

A.L – 2007

E.B – Mas daí quando ele voltou, ele retomou ao trabalho?

A.L – Sim normal, voltou a trabalhar.

E.B – Alguns anos depois ele conseguiu se aposentar né?

A.L – Sim, mas cinquenta anos depois, muito tempo perdido, teve gente que conseguiu se aposentar antes, mas era muito, muito rolo teve nessas aposentadorias aí, e muitos entraram em depressão depois da Segunda Guerra Mundial, muitos ficaram fora de giro, ficaram loucos né, muitos ficaram muito...

E.B – Eles chegavam a se reunir com os outros aqui em Getúlio?

A.L – Não, é... não se reunia sempre, até inclusive eu levava em Passo Fundo na praça da Bandeira no desfile de Sete de Setembro e às vezes quando se reunia em Passo Fundo todos os ex combatentes da Segunda Guerra Mundial.

E.B – Tinha bastante?

A.L – Tinha Bastante

E.B – O senhor não sabe quantos que saíram daqui de Getúlio.

A.L – Aqui de Getúlio... que eu sei três, saíram de Getúlio, depois tinha mais Sertão mas daqui três, um de Floriano.

E.B – Mas vivo não tem mais nenhum?

A.L – Talvez em Passo Fundo, um ou dois, muito pouco. O que mais posso te ajudar?

E.B – Mas olha, o que o senhor tiver pra me contar eu agradeço.

A.L – Mas olha acho que era isso, eu sempre tive vontade de conhecer lá pra onde ele foi e graças a Deus eu fui conhecer a Itália né, mas continua a mesma Itália pelas fotos de 45 continua a mesma Itália, fui ao Monte Castelo, tudo, não mudou nada.

E.B – Mas então, obrigado senhor Anselmo.

A.L – Valeu, não tem de que, o que precisar as ordens.

ENTREVISTA FAMÍLIA WEBBER

Data: 01/07/2017

Abreviaturas:

B.W – Bernadete Terezinha Webber

D.Z – Daiane Paula Zanellato

Ne.W – Nedio Antonio Webber

N.Z – Nelci Fátima Zanellato

N.W – Nildo Gaetano Webber

E.B – Ediana Braciak

E.B – Vamos começar pelo começo né, bem tranquilo, no formato de conversa, tá? O que o senhor João achava da Guerra?

B.W – Dete venha dar teu testemunho também.

N.W - Faltou 4 dia pra quatro ano pra ficar lá

B.W – Mas eu não me lembro

D.Z – Mas o pouco que tu te lembra já ajuda.

Ne.W - Mas eu, eu me lembro do que ele contava, ele foi no quartel em Passo Fundo, na época que ele serviu ficou quatro anos, eles saíram de passo Fundo, foram até o Rio de Janeiro de trem, aqueles trem de antigamente e do Rio de Janeiro foram de navio até a Itália, não sei se dezenove noite e dezoito dia ou dezenove dia e dezoito noite e chegaram na Itália.

E.B – E ele sabia os reais motivos da Guerra ou só quando ele chegou no Brasil ficou sabendo?

N.W - A ele não sabia, porque ele estava em passo fundo

E.B - mas ali quando o senhor falou que ele ficou quase quatro anos era referente ao quartel, né?

Ne.W - sim, no quartel

N.W – Eles foram acho que era em conjunto com a Alemanha ou contra a Alemanha.

B.W – Contra

Ne.W - Contra eles estavam?

B.W – Contra a Alemanha eles estavam

Ne.W - O Brasil e a Itália eu acho que contra a Alemanha

B.W - Ele lutou contra a Itália ao lado dos Estados Unidos

Ne.W- E ele contava, por exemplo se ia cinco mil soldados combater e morria 500 eles pegavam 500 que tavam nas reservas aqui e mandavam ir combater, quando morria, conforme morria lá eles pegavam daqui.

E.B – E em relação ao deslocamento, da ida deles pra Itália, como foi?

N.Z – Bastante sofrido ele dizia que era, que passavam fome

Ne.W – Mas calcule, dezenove dias e dezenove noite dentro de um navio fechado

B.W – Era feijão, comiam feijão, os rato, não sei quem que contava dos ratos

Ne.W- Pois é, mas era feijão arroz

B.W – Cantava que tinha ratos no navio

Ne.W- Ele só contava que onde matavam, combatiam, chegava fazer, corria sangue que parecia uma corrente de agua. E o Carlo Talian o marido da dona Amalia, aquele me falou que eles atiravam com metralhadora assim que chegava a esquentar e botavam agua pra esfriar. E depois quando eles morriam diz que abriam as valas de trator e jogavam tudo lá, era um por cima do outro virado.

E.B – E ele contava como era lá?

Ne.W- Sim, um eles tomavam uma injeção senão um comprimido pra eles brigar se tu enxergava um na frente tu queria só mata não tinha medo e eu não sei se esses nos Estados Unidos aquela loucura que da ali, não é que sobrou alguma coisa, como que o cara vai pegar um fuzil, um rifle ali e sai matando.

N.Z – Tem louco pra tudo e, ele dizia que ficava escondido no mato, e que tinha uns companheiro que levava almoço escondido pra ele no mato

B.W - É a droga, tem outros tipos de drogas

Ne.W- E aquele tempo tinha as injeção

D.Z – Davam injeção antigamente?

Ne.W - Se não era o comprimido

D.Z - E saiam matando todo mundo?

B.W - Eu lembro que o pai disse que quando achavam alguém morto iam achar comida nos bolso, mas dai eles deixavam armadilhas né, deixavam boba em baixo, as pessoas iam pegar e acabavam morrendo.

Ne.W - É umas granadas assim ó, fica só uma pontinha, eles enterram, é um negócio nequem a tampa da chaleira, fica enterrada, tu pisou em cima (ilegível), tanto pra derrubar ponte, arvores.

E.B - E ele conseguia se comunicar com a família aqui no Brasil?

Ne.W - Só se com carta alguma coisa, porque naquele tempo não tinha nada.

E.B - E como foi o retorno pra casa?

Ne.W - Meu Deus, eles loucos de faceiros, o pai disse, que morreu gente, morreu os amigos dele, jogavam pro mar, ele falava que vinha uns peixões ao redor do navio.

E.B - Isso dentro do navio dai?

Ne.W - É quando eles estavam voltando.

B.W - Mas ele disse que quando acabou a guerra eles começaram a chorar, vinham com as bandeiras brancas.

E.B - E como que ele ficou depois da guerra?

N.W - Ele ficou normal

B.W - Normal quando dava os ataques que queria mata todo mundo.

N.W - isso é quando ele já tava velho, tava fora.

Ne.W - não é, ele via as coisa como se fosse 50, 60 anos atrás, se via lá na época

N.Z - É mas tinha os remédios que deixava ele meio fora também, dai ele volto no tempo que foi pra guerra, que tinha as namoradas

E.B - E ele ia a Passo Fundo desfilar no Sete de Setembro?

N.W - Não, nunca foi, só em Getúlio tinha dai, foi arrumado uma farda e eu fui na prefeitura e arrumei uma espingardona velha pra ele desfilar em cima do carro.

D.Z - Eu me lembro

E.B - E ele casou logo que chegou no Brasil?

Ne.W - um ano e pouco casou, e morava ali, onde que sobe o morro a direita, sempre morou ali.

N.Z - vou mostrar quando agente subir.

Ne.W - No tempo de piizada deles, ele falava, se reuniam em quatro cinco, com uma arvore grossa, mas no mais morro que tinha e (ilegível)

E.B - Se vocês tiverem mais alguma coisa, curiosidades e do que mais ele falava do tempo de Guerra, fiquem a vontade.

Ne.W - A ele falava isso ali, depois quando ele volto, mas quantas vezes quando que vinha os irmãos dele, na casa velha ainda, ele contava e chorava.

N.Z - Sete de Setembro também, não se tinha TV, só tinha o rádio e ele ligava aquele radio e ficava perto e ficavam falando e falando dos militar, sempre se emocionava cada vez, cada vez que ele ouvia falar né.

E.B - mas e o orgulho de ter o pai que foi pra Guerra?

N.Z - Eu agora, é tanto tempo assim, por isso que eu digo, agora que agente gostaria de ter o pai pra perguntar como que foi tudo, porque aquele tempo agente não, não se interessava em saber mais coisas assim, agora que agente, eu tive orgulho do pai que tive.

E.B - mas quando ele voltou da Guerra, ele demorou pra se aposentar?

N.W - Eeee, eu já vou te dizer

N.Z - mas ele se aposentou antes de eu casar

N.W - ele se aposentou em 83, iii demoro, depois disseram que ia vim esse atrasado e até hoje não veio e nem vai vim, alguém pegou esse dinheiro.

E.B - Ele teve que ir atrás?

Ne.W - ele teve que ir

N.W - na verdade foi o enricone que se aposentou e veio atrás pro pai, na verdade é que Webber é com W e dois B e lá era com V e um B, dai não achavam ali, se for uma letra já não, dai que descobriram que o erro tava ali dai conseguiu se aposentar.

E.B - vocês sabem de alguma lista dos militares que foram pra guerra?

N.W - mas eu não sei

Ne.W - Vai sabe onde que ta essa lista.

N.W - Será que não tá no quartel de Cruz Alta, porque o que era em Passo Fundo foi pra lá.

D.Z - Mas o nono quis ir ou foi obrigado?

Ne.W - Naquele tempo lá ele tava no quartel e teve que ir.

D.Z - Eu não me lembro muito do vô, só me lembro que ele era ruim, muito ruim, bem nazistão, sabe? Bem, eu tinha muito medo dele

E.B - Será que por causa da guerra ele ficou assim?

D.Z - ele tinha só o bigodinho em cima, bem o bigodinho do Hitler

Ne.W - É tomara que nunca mais acontece umas coisas dessas né

D.Z - mas hoje é tudo diferente, larga duas três bombas e acabou

Ne.W - Mas acho que era isso, nos temos umas coisas que o pai trouxe da guerra tem uma caneta que na ponta tinha a bussola

N.W - e será que a medalha ta por ai?

Ne.W - nos vamo procura se tu que da uma olhada

E.B - Ótimo, quero sim, e se eu puder tirar umas fotos pra usar essas imagens depois, eu agradeço.

Ne.W - sim, sim

E.B - Muito obrigado pelas contribuições de vocês, foram de extrema importância.

ENTREVISTA FAMÍLIA BUSATA

Data: 09/07/2017

Abreviaturas:

A.B – Almir Busata

L.B – Leandro Busata

E.B – Ediana Braciak

A.B- O Pai ele tinha 16 anos e se desentendeu com o vô, né, o pai dele, dai ele pegou uma roupinha e foi lá no quartel em Passo Fundo né, eles não queriam receber ele porque ele era de menor, tinha 15, 16, 15 por ai, dai eles diziam não que tu é muito novo pra ficar ai, não eu quero ficar no quartel e deu, eu não vou pra casa, eu não vou voltar, dai pegaram e seguraram né, dai já tinha aquele motivo da guerra né, dai ele ficou, dai já foi convocado pra ir pra guerra, dai ele foi né.

E.B- Mas então, o que o senhor Jorge Roque Busata achava da Guerra?

A.B- Pois é, sobre isso, ele não comentava muito o que achava ou não achava, só que ele falava isso ali né, que ele foi pra lá servir ao exercito antes.

L.B- Mas e o embarque pai, tu te lembra como foi?

A.B- Tá, dai convocaram né, dai foram a turma de Cruz Alta e os de Passo Fundo embarcaram no trem e foram até Rio de Janeiro, né, dai no Rio de Janeiro eles tiveram tipo uma instrução, né preparação pra Guerra, né, e dai já deram uma antidoping pra eles ter coragem coisa e tal né, dai depois embarcaram pra lá, né, e foram em dez mil né, dez mil soldados foram pra guerra.

E.B- Em que ano que ele foi?

A.B- Mas não sei bem certo, ele tem lá em casa marcado que foi em 42, né.

L.B- Conta aquela parte do Getúlio Vargas

A.B- Não depois, né, mas dai eles embarcaram no navio né, e o Getúlio Vargas era o presidente, né, e ele dai quando eles estavam digamos que nuns vinte mil ele foi fala, de um radio né, e ele prometeu um monte de coisas se voltassem, se algum tinha o privilégio de voltar ia ter tudo aqui, assistência, ia ter muita coisa, tá e foram lá, ficaram um ano, dois não sei, na dita guerra lá, e eles tavam em dez mil, né, e voltou acho que mil e poucos que eram da turma deles que foram, o resto morreram tudo no combate e o pai participou da tomada do Monte Castelo, que foi ali que o comandante era o Castelo Branco, aquele que foi presidente,

que era um dos comandante, dai eles falaram e a cobra vai fumar, e o combate do monte castelo diz que durou dois dias, e eles ficaram, né porque o monte castelo era no caso a fortaleza dos cara, né, dos outros, e eles vinham com a munição por traz assim e em cima ali ninguém enxergava, uma fortaleza, e o monte era alto e eles vinham por terra, vieram vindo e quando chegaram com metralhadora, mas não pegava neles, que nem o pai teve sorte de ficar naquela parte, e o que estivesse para traz matavam tudo, e a bala diz que passavam assim de rajada a dez centímetro, quinze centímetro, e eles ali, diz que chovendo e eles enterrados ali quietinhos, espertando a hora de ataca né, e se levantassem o ombro atorava né, aquilo era bala que passa uma atrás da outra. E dai foi, foi que começo a vim os aviões a bombardear por cima né avião Brasileiro ou deles lá, e bombardeavam onde eles subiam com as munição né e não conseguiam mais nem abastecer e dai que chegou a um ponto que eles terminaram as armas e munição e levantaram a bandeira, né a infantaria terminou que atacavam e dai os outros se entregaram, né, dai que foi o ultimo combate, e ele falou da cidade lá, não me lembro o nome da cidade, não lembro agora, mas tem lá em Passo Fundo, que eu levava o pai duas vezes por ano, que se precisa tem lá. Mas a cidade lá na Itália, eu me lembro que ele falou, ficou destruída, e tinha um riozinho que passava no meio da cidade, diz que passava, corria água vermelha de sangue.

L.B- os tanques de Guerra?

A.B- Era gente morta os tanques passavam por cima, o pai tinha a foto mas ele queimou, né, ii o pai queimou muita coisa viu, ele dizia que trazia recordações ruins para ele né

E.B- Mas e ele sabia os reais motivos da Guerra?

A.B- não, ninguém sabia, ninguém ficou sabendo né, porque isso ai era um troço assim que foram paga divida lá né, foram convocados pra ir e nem podiam fazer perguntas nada, nem contato de lá pra cá, nunca tiveram

L.B- quanto tempo ficaram lá mesmo?

A.B- Olha o pai ficou, pelo o que ele falava, um ano, um ano e meio, acho que ficou.

E.B- Mas ele ficou até o final da Guerra?

A.B- sim, até o final, ele foi a ultima turma a ir né, iam mandando gente, iam mandando, teve uma turma de dez mil né, aqueles que foram antes não voltou ninguém, ninguém voltou da primeira segunda ou terceira turma, nem sei quantos que foram.

E.B- E em relação ao deslocamento, da ida deles pra Itália, como que foi, ele comentava sobre isso?

A.B- A ida foram de trem né, pegaram em Passo Fundo e foram

L.B- Até o Rio de Janeiro?

A.B- É até o Rio de Janeiro, mas o trem era assim ó, não era trem de passageiros era trem de carga e tinham os vagões que antes levavam os bois, diz que deram uma lada dai depois diz que eles lá dentro, cada vagão era tudo fechado, lá não sei quantos mil soldados tinha cada vagão né, dizia que não tinha banco pra sentar, não tinha nada, ia sentado no chão, deitado no chão pra dormir e eles iam indo, eles tinham cozinha, tudo no trem Maria Fumaça acho que era, quando era meio dia parava o trem fazia a refeição e continuavam, oito dia demoraram pra ir daqui ao Rio de Janeiro, oito dia dentro de um trem velho.

L.B- E pra atravessar São Paulo demoraram quanto?

A.B- Um dia e uma noite pra atravessar São Paulo, pensa naquela época, imagine hoje, né. Que eu sei porque o pai não contava muita coisa né, ele tinha um trauma, uma coisa.

E.B- Mas ele sabia pra onde estava indo?

A.B- Sim, sabia, claro

E.B- Que era pra Guerra?

A.B- Não é qualquer um que vai numa Guerra, é selecionado, isso aí tem que tá tudo.

E.B- Mas e ele se comunicava com os familiares aqui no Brasil?

A.B- Não, nunca se comunicou, não tinha como se comunicar.

E.B- E o retorno do conflito?

A.B- Tá dai, terminou e eles foram a Portugal e ficaram um dia e uma noite lá, dai em Portugal embarcaram de novo e chegaram no Rio de Janeiro né, desembarcaram, mas ele disse que desembarcaram e não tinham pra onde ir, que ninguém foi receber, largaram eles, dai no outro dia eles foram pra São Paulo num hotel e depois pegaram um trem cargueiro e vieram parando na Estação, dai ele disse que chegaram na Estação era umas três da manhã, dai ele desembarcou ali na ferroviária, era ele e um amigo dele lá do Butiá, dai esse amigo dele não tinha pra onde ir, três da manhã ia ir pra onde, dai o pai disse, vamo lá em casa que dali da ferrovia até onde meu avo morava dava o que, mil metro eu acho, dai eles foram né, dai chegaram na madrugada e bateram na porta, dai minha nona, minha finada avó levantou abriu a porta levou aquele choque e morreu na hora e dai que ele nem pensou tavam na quela alegria de chegar em casa

L.B- tinham que ir preparando o campo, mandado outro na frente

A.B- ou esperado clarear o dia, mas é que a nona acho que também ia levar o cheque, porque a noticia era que não tinha sobrado nenhum.

L.B- Pensa tu ficar um ano sem saber nada

A.B- Dai o pai ficou lá na estação por um tempo, o pai ficou meio assim, não tinham acompanhamento, um psicólogo, naquela época não tinham nada né, eles tinham que ter da

um, que nem aqueles que hoje da um trauma no cara eles tem de tudo né e aquela época não tinha nada, dai ele pegou e foi né, comprou um terra lá em Ipiranga fez uma casinha e ficou lá, pro resto da vida morou lá.

E.B- Mas como que ele ficou com retorno?

A.B- A meu pai não era qualquer uma que lidava com ele, ele ficou assim, tinha dias que ele sentava na área e ficava, sabe, não conversava com ninguém

E.B- Ele era nervoso?

L.B- Meu Deus!

A.B- Meu Deus! Ele se tu pedisse na guerra ele começa a chorar, ele ficou o resto da vida assim.

L.B- mas tinha dias que ele tava bem, ele era muito bom

A.B- É tinha dias que não dava, não tinha nem como conversar.

E.B- Com quantos anos ele foi pra Guerra?

A.B- quando ele voltou tinha 24, foi pro quartel com 16 e ficou até os 24

E.B- Mas quando ele voltou, teve reconhecimento por parte do governo?

A.B- Mas olha, meu pai falou que o Getúlio Vargas, bastante gente tem o Getúlio Vargas como uma grande pessoa, mas o pai dizia que não é nada do que falam dele, disse que ele é o pior que tem, pra ele é o pior, que prometeu as coisas e nunca foram reconhecido, não chegaram nem a mandar alguma coisa pedindo se precisava de alguma ajuda, né.

E.B- Mas ele conseguiu se aposentar?

L.B- Em 78 que ele conseguiu um, era uma pensão, mas era pouco, dai depois que dai ele entrou numa associação e começou a ganhar um pouco mais, e o Getúlio Vargas prometeu que se algum chegasse ia ter tudo, ele ia ter o salário de graduado né, mas capaz se quisesse comer ele tinha que trabalhar, e depois o pai ficou muito doente, pense um trauma desses ai, aquilo ali não é bem assim.

E.B- Mas vocês são em quantos irmãos?

A.B- Somos em oito, quatro guria e quatro pia

E.B- As gurias não continuaram a receber a aposentadoria depois que o senhor Busatta faleceu?

A.B- Não, todas casaram.

E.B- E ele faleceu em que ano?

A.B- Mas olha, 99, 94, 96, deixa eu me lembra quando foi, foi em 97. Mas tu sabe que o pai dele foi capitão comandante da guerra do combate, ele que comandava a tropa do combate ali em Quatro Irmãos.

E.B- Vocês sabem de mais alguém que foi pra Segunda Guerra, daqui de Getúlio?

A.B- Daqui de Getúlio que eu conheci e que eu sabia era o Webber, o Loss, e o pai do Sandro Noskoski.

L.B- Não sei se o Noskoski foi.

A.B- Mas olha, essa veste foi com ela que ele foi enterrado, essa é da associação dos Ex-combatentes, e o pai trouxe a roupa de lá, ta lá na colônia, ficou pro Dani meu sobrinho, tinha varias coisas, o coturno o cinturão, mas com o tempo foi se perdendo, tinha as armas que ele trouxe de lá, uma parte deixou no hotel em São Paulo ele não conseguiu trazer tudo, ele não podia ver aquilo, não era muita coisa também mas dai ele queimou, mas lá tem um monte de coisa, tem fotos, tem a foto da tomada do Monte Castelo, tem as fotos que eles estavam no acampamento, e tem o diário que ele escrevia todos os dias, a e tinha um quadro do Papa que ele foi num, acho que era o Pio Doze eles foram tomar a benção do Papa em Roma.

E.B- Mas então, seria isso?

A.B- Acho que é isso

E.B- Mas então muito obrigado pela atenção e pela colaboração, só vou precisar da assinatura de vocês nesse documento.

ENTREVISTA NILO TOCHETTO

Data: 02/09/2017

Abreviaturas:

N.T- Nilo Tochetto

E.B- Ediana Braciak

N.T- O que que eu vou dizer meus jovens, são noventa e seis anos de vida e com oito ano já era independente da família.

E.B- Como o senhor se chama?

N.T- Nilo Tochetto

E.B- Com quantos anos o senhor foi pro quartel?

N.T- Eu fui em 40 e fiquei até 43, não, digo um pedaço do 42, porque eu disse pro comandante que se ele não me soltasse eu iria em bora

E.B- Mas senhor Nilo, sobre o quartel, o que eles falavam sobre a Segunda Guerra?

N.T- Olha, não tinha terminado a guerra quando eu dei baixa, mas os pracinhas que foram pra lá, eu tive um colega que foi eu não pude ir, bom eu não fui.

E.B- Porque que o senhor não foi?

N.T- Bom, essa é uma pergunta maravilhosa que tu me fez, no quartel quando eu fui pro quartel eu já sabia atirar de fuzil que era uma barbaridade, então ele me perguntou, como é que tu meche num fuzil, desarma um fuzil? A eu digo meu pai foi na revolução de 30 e eu fui para na Vila Aurea, dai quando eu fui pro quartel até a profissão de sapateiro eu já sabia, dai sai de lá e voltei pra casa e fui me apresentar como voluntario no quartel, mas eu não fui pra guerra na Itália porque eu fiz um curso de especialização e não me deixaram ir, e eu louco pra ir, tu já viu essa?

E.B- Não te deixaram ir pra Guerra?

N.T- Não, essa pergunta que tu tinha feito primeiro, como eu fiz a especialização do exercito militar não se podia fala, como se fosse hoje especialista e coisa e tal, ta, dai eu fiz o curso e passei, ai então eu comecei quando fazia patrulha eu a comandava, lá foi criado aquela coisa toda, mas passo, dai quando fizeram a chamada de quem ir em 42, lá já tavam brigando a horas, eu disse pro comandante que se a turma de Passo Fundo vai eu podia entrar, porque eu tinha aquele curso especial dai eu já tava treinado em tiro né, tinha dois diploma de tiro em primeiro lugar, até hoje tenho a arma, depois te mostro, mas então eu fiquei no quartel e em

42 pedi a baixa mas depois eu tinha que me apresentar a cada 30 dias até que terminou essa porcaria de Guerra, casei e ainda precisava me apresentar na junta, por causa da guerra, mas dai quando terminou eu fiquei livre, mas eu tava só esperando ser chamado, mas eu tive amigos que foram e teve os que ficaram morto lá, aqui o ultimo que faleceu a esses tempos foi o Loss.

E.B- Mas oque eles falavam.

N.T- Era proibido, até os rádios ele tiraram do quartel pra nós não escutar, aqueles tempos eram difíceis, os rádios foram tudo desligados, pelo menos no meu tempo.

E.B- Mas e os soldados que foram pra Guerra, quando eles voltaram eles falavam alguma coisa?

N.T- Mas olha o único foi o Loss que eu ia visitar dai ele me contava que tava no morro, iss, aquilo, mas ele me disse que ouve bastante morte, ele disse que não gostava de falar muito, porque diz que enterraram muito no cemitério dos, como é que chamavam os pracinhas do Brasil? Eles davam um nome especial pra eles ai, então não tocava muito no assunto, mas teve um deles que veio até com uma Italiana de lá, veio ali pra Floriano, e depois de uns anos se aposentaram, porque receberam a aposentadoria do quartel, então recebiam, não de que cargo, mas recebiam do quartel, eu como sai, fiquei três anos e não fui lá, perdi o direito, só tinha direito os cara que foram lutar lá e voltaram, mas se tiver um dos expedicionário vivo, é que são mais novos que eu, mas já se foram todos, eles não contam muita coisa boa não, lá na Itália quando viam os brasileiros pensavam que era índio que iam comer gente, comentavam muito (risos).

E.B- O senhor chegou a conhecer o Webber de Floriano?

N.T- Era um Webber, eu fui atrás de muitos, mas o ultimo foi o Loss e tinha o Tomelero que serviu comigo e foi convocado, quando chegou no Rio de Janeiro avisaram que tinha acabado a Guerra e ele teve que voltar pra casa, mas no quartel me falavam muito pouco dai eu ia seguido lá no Loss, ele me mostrou os diplomas que trouxe de lá e tudo, dai eu disse pra ele, eu que fiquei aqui com os diplomas de tiro, só sei atira, porque no quartel não assinam outra coisa, quando tu tá em tempo de guerra é instruções que é uma barbaridade, tu não tem instruções pra outra coisa se não é da guerra, defesa de coisa e tal. Tu sabe que eu gostava do quartel, mas não dava pra continuar, se fosse trabalhar no Curtume ia ganhar 300 mil reis e um cabo 100 mil, não era negócio de jeito nenhum. Não sei mais o que que eu vou te dizer.

E.B- É era mais sobre a Segunda Guerra Mundial

N.T- Agora vou te dizer, Guerra nenhuma presta, não vale apena.

E.B- Mas seu Nilo, eu te agradeço pela colaboração, muito obrigado!

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DE PERGUNTAS AOS FAMILIARES DOS MILITARES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 1939-1945.

Entrevistado: Anselmo Loss

- I. Anselmo, o senhor se recorda o que o senhor seu pai, Luiz Agostinho Loss achava da guerra?
- II. O senhor Luiz sabia os reais motivos da Guerra, ou ficou sabendo quando voltou?
- III. E em relação ao deslocamento, a ida dele pra Itália, como foi?
- IV. O senhor Luiz chegou a comentar como era lá, o local onde ele foi?
- V. E ele sabia o local para onde estavam indo?
- VI. Ele se comunicava com os familiares aqui no Brasil? Como
- VII. Como foi o retorno do conflito?
- VIII. Como o senhor Luiz ficou depois da Guerra, com a volta ao Brasil?
- IX. Senhor Anselmo, fique a vontade para contar abertamente mais informações e curiosidades sobre o antes durante e o pós Guerra do Sr. Luiz.

ROTEIRO DE PERGUNTAS AOS FAMILIARES DOS MILITARES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 1939-1945.

Entrevistados: Família Webber

- I. O que o senhor João Webber achava da guerra?
- II. E ele sabia os reais motivos da Guerra ou só quando ele chegou no Brasil ficou sabendo?
- III. E em relação ao deslocamento, da ida deles pra Itália, como foi?
- IV. O Sr. João chegou a comentar como era lá, o local onde ele foi?
- V. Ele sabia o local para onde estavam indo?
- VI. Ele se comunicava com os familiares aqui no Brasil? Como?
- VII. Como foi o retorno do conflito?
- VIII. Como o Sr. João ficou depois da Guerra, na retomada de sua vida no Brasil?
- IX. Agora peço que fiquem a vontade para contar abertamente mais informações e curiosidades sobre o antes, durante e o pós Guerra do Sr. João Webber.

ROTEIRO DE PERGUNTAS AOS FAMILIARES DOS MILITARES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, 1939-1945.

Entrevistados: Família Busatta

- I. O que o senhor Jorge Roque Busatta achava da guerra?
- II. E ele sabia os reais motivos da Guerra ou só quando ele chegou no Brasil ficou sabendo?
- III. E em relação ao deslocamento, da ida deles pra Itália, como foi?
- IV. O senhor Jorge chegou a comentar como era lá, o local onde ele foi?
- V. Ele sabia o local para onde estavam indo?
- VI. Ele se comunicava com os familiares aqui no Brasil? Como?
- VII. Como foi o retorno do conflito?
- VIII. Como o senhor Jorge ficou depois da Guerra, na retomada de sua vida no Brasil?
- IX. Agora peço que fiquem a vontade para contar abertamente mais informações e curiosidades sobre o antes, durante e o pós Guerra do senhor Jorge Roque Busatta.

ROTEIRO DE PERGUNTAS AO RESERVISTA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL,
1939-1945

Entrevistado: Nilo Tochetto

- I. Como o senhor se chama?
- II. Com quantos anos o senhor foi pro quartel?
- III. Mas senhor Nilo, sobre o quartel, o que eles falavam sobre a Segunda Guerra?
- IV. Porque que o senhor não foi?
- V. Mas e os soldados que foram pra Guerra, quando eles voltaram eles falavam alguma coisa?
- VI. Senhor Nilo, eu te agradeço pela colaboração, muito obrigado!

ANEXOS

AUTORIZAÇÕES PARA DISPONIBILIDADE DE ENTREVISTAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Anselma Loass,
portador da cédula de identidade nº 5028947439, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 30.06.14 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

[Assinatura]
Entrevistado(a)

Getúlio Vargas 30/06/14
Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Bernadete Terezinha Welber,
portador da cédula de identidade nº 7036875388, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 01-07-17 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Bernadete T. Welber

Entrevistado(a)

Elciani de Lencato 01/07/17

Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Daiane Paula Zanellato,
portador da cédula de identidade nº 3103470153, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 01-07-2017 e
posteriormente por mim conferida para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Daiane P. Zanellato

Entrevistado(a)

Flaviane Zanellato, 01/07/17

Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Melci Fátima Zanellato,
portador da cédula de identidade n° 1038816979, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista, por mim cedida no dia 01-07-2017 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Melci F Zanellato

Entrevistado(a)

Clauana Zanellato, 01/07/17

Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Medice Antonice Wlebbes,
portador da cédula de identidade nº 8019846057, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 01.07.2018 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Medice A. Wlebbes

Entrevistado(a)

Elviana Leucata, 01.07.18

Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Nilda Gasetone Welber,
portador da cédula de identidade nº 5022850712, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 01/07/2017 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Nilda G. Welber
Entrevistado(a)

Elviana Escata, 01/07/17
Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Almeia A Busatta
portador da cédula de identidade nº 7006094556, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 09.07.17 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Almeia A Busatta
Entrevistado(a)

Gulargas 09/07/17
Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Meandira Jarge Bussatta
portador da cédula de identidade n° 9078055176, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 09.07.17 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.


Entrevistado(a)

Getúlio Vargas 09/07/17
Local e Data



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS – ERECHIM

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS
AUTORIZAÇÃO PARA A DISPONIBILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Eu Mila Tachetta
portador da cédula de identidade nº 10.25545938, autorizo a guarda e
disponibilização da entrevista por mim cedida no dia 02.09.17 e
posteriormente por mim conferida, para fins de constituição do acervo do laboratório de
História Oral e Linguagens da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Erechim,
ciente de que a mesma poderá vir a ser utilizada em futuros trabalhos de pesquisa
envolvendo seu conteúdo.

Mila Tachetta
Entrevistado(a)

Getúlio Vargas, 02/09/17
Local e Data

PARTE DO DEPOIMENTO DO VETERANO JOÃO WEBBER, concedido ao Instituto Histórico e Geográfico de Getúlio Vargas no ano de 1955.

- 155.MFBS - Ela comprava o vinho dos agricultores?
156. JW - Comprava o vinho, comprava a uva. Depois começaram a uva pra ela. Ai ela comprava a uva. Ai ficava melhor pra ... em casa.
- 157.MFBS - Então no principio ela comprava o vinho e depois passou a comprar a uva?
158. JW - Depois comprava a uva.
159. MFBS - Era lá na cooperativa mesmo que se fazia o vinho?
160. JW - Fazia o vinho lá em cima, lá na cooperativa. Cooperativa Vitivinícola.
- 161.MFBS -Com sede na Estação?
162. JW - Certo!
- 163.MFBS - Escuta, na sua opinião por que os parreirais e a produção de uva diminuíram tanto? Quais foram os motivos que fizeram com que diminuísse a produção de uva?
164. JW - Terminou a cooperativa. Vender o vinho pra quem? E a uva pra quem? Se foi a cooperativa!
- 165.MFBS - Não tinha mais pra quem vender?
166. JW - Não tinha mais pra onde vender, então se foi.
- 167.MFBS - A solução foi terminar com os parreirais?
168. JW - É, terminar com os parreirais. Tinha o Angelo Pauletti ele vendeu ainda, nem me recordo mais, oitenta e cinco mil quilos de uva num ano. E daí terminaram tudo e transformaram em lavoura por tudo onde tinha parreirais.
- 169.MFBS - Os parreirais foram substituídos, então, pelo plantio da soja...
170. JW - Certo!
- 171.MFBS - Do milho?
172. JW - Tudo, tudo. Não tem mais ninguém. Tem o Valdemar, o Paulo Giaretta que tem um, e depois ali tem uns parreraizinhos, mas pequenos.
- 173.MFBS - Sim, hoje as famílias só produzem pro seu consumo próprio?
174. JW - Só pro gasto, só pro gasto e mais nada.
- 175.MFBS - Então aquela grande produção de uva ficou só na saudade?
176. JW - Se foi, se foi, aquela não existe mais.
- 177.MFBS - Outro fato importante que o Senhor é conhecido na região foi a sua participação como expedicionário na Segunda Guerra Mundial. Eu gostaria que o Senhor contasse como é que foi a sua participação. Quantos anos o Senhor tinha?
178. JW - Eu estava com vinte... bom eu sei que fui servir no quartel com vinte e um anos.
- 179.MFBS - Vinte e um anos?
180. JW - É, fiquei quase quatro anos, faltaram quatro dias pra quatro anos no quartel.
- 181.MFBS - O Senhor serviu em qual cidade?
182. JW - Em Passo Fundo.
- 183.MFBS -No quartel em Passo Fundo.
184. JW - Passo Fundo.
- 185.MFBS - E daí, como é que foi o episódio da participação na Guerra?
186. JW - A participação foi no dia de Natal. Então oito dias antes do Natal eles nos mandaram pra Porto Alegre, digo, pra Santa Maria.
- 187.MFBS - De que ano, o Senhor se lembra?
188. JW - Ah, agora não me lembro que ano que foi! Mas fomos em Santa Maria, inspeção de saúde. Ficamos sete, oito dias lá, quando viemos de volta, disse: "Oh.. você, você, você, você...fora de forma,venham pra cá! " Bom, nós achamos, digo: "O que é que eles querem?" Disse: "Olha, você amanhã vai ter que embarcar, ir de expedicionário. " Daí, o que é que

João Webber

João Webber

vou fazer? Então escrevi uma carta ali na Estação para ver se enxergava algum pra entregar a carta.

189.MFBS - Pra avisar sua família?

190. JW - Não não tinha um. Mas não tinha ninguém, ninguém lá na... Daí tinha o falecido João Viana e o Rafael Giaretta, daí eu dei a carta pra eles, digo: "Manda lá pra Floriano"; pra Carolina Seza, era naquela tempo. Então o falecido Rafael pegou o cavalo e foi levar a carta em casa, pro falecido pai.

191.MFBS - Pra avisar seus pais que o Senhor estava indo pra guerra?

192. JW - E daí fomos, levamos, dia de Natal embarcamos ali em Passo Fundo e fomos para o Rio.

193.MFBS - Rio de Janeiro?

194. JW - Rio de Janeiro. E lá ficamos sete, oito dias no Rio. Depois quando veio o navio nós embarcamos no navio. Levamos dezoito dias e dezoito noites pra primeira apeação do navio. Fomos e desembarcamos em Pistóia. Depois de lá pegamos um caminhão e andamos quase meio dia pra chegar num colégio velho que tinha lá. Ficamos lá sete, oito dias.

195.MFBS - Isso foi na Itália?

196. JW - Lá na Itália. Lá ficamos sete, oito dias e depois quando veio o navio daí embarcamos nele e oh fififi....! Dezenove dias, dezoito noites sem ver, era só olhar pra cima era azul, olhar pra baixo era a mesma coisa, água, só água, só água...

197.MFBS - E depois?

198. JW -E depois quando chegamos lá na Itália desembarcamos do navio grande, pegamos outro navio, andamos mais umas cinco, seis horas. Daí pra pegar outro navio menor. Andamos quatro dias e cinco noites com aquele navio pequeno. Apeamos do navio, pegamos um caminhão...era um fusca, fusca, no clarear do dia e desembarcamos no escurecer. Daí o comandante lá disse: "Querem se fazer uma cama ali? Arrastem alguma coisa." Mas era só espinho de pinheiro que tinha. Fazer o quê? Deram umas cobertas, umas mantas. Dormimos lá no chão mesmo.

199.MFBS - E tinham muitas pessoas daqui que foram e do quartel de Passo Fundo?

200. JW - Tinha, tinha bastantinho.

201.MFBS - O Senhor não lembra quantas pessoas?

202. JW - Mas daqui de Passo Fundo nós fomos mais ou menos cinquenta, sessenta. Mas no navio nós estávamos em dez mil.

203.MFBS -Dez mil brasileiros?

204. JW - Dez mil pessoas tinha em cima do navio.

205.MFBS - E depois lá, como foi, o Senhor participou dos combates?

206. JW - Não participei porque me deu a caxumba.

207.MFBS - O Senhor ficou doente?

208. JW - Fiquei doente. Baixei a enfermaria, fiquei quinze dias baixado na enfermaria. Quando dei alta da enfermaria eu fui lá na minha barraca, nós estávamos em dezoito na barraca, olhei pra dentro, não tinha ninguém, tinha só a minha roupa. Aí saí pra fora, olhei pra cá, pra lá, aí tinha um comandante, um capitão que disse: "O que tu estás olhando?" Digo: "Onde está a minha turma?" Disse: "Olha lá embaixo, eles estão esperando um caminhão pra irem combater na frente. Se tu quiseres ir lá vê-los." Digo: "Nem vou, nem vou." Disse: "Então pega a tua roupa, passa pra cá, fica aqui conosco." Aí peguei a minha roupa, fui lá, me deram lugar e arrumei lá e disse: "Daqui uns três dias temos uma marcha de trinta e dois quilômetros, com trinta e dois quilos na costas." Digo: " Tá, tá bom." Saímos,

Mário Alberto

- quando seámos com a marcha, daí faltava pouco pra dar o primeiro descanso. Vinha o comandante da guerra, com duas bandeiras brancas dizendo: "Terminou a guerra, e terminou a guerra e terminou a guerra."
- 209.MFBS - O Senhor ficou feliz?
210. JW - Mas ninguém quis o descanso. Fizemos trinta e dois quilômetros sem descansar um minuto.
- 211.MFBS - De felicidade?
212. JW - Mas Deus me livre! Naquele dia fiquei mais alto do que eu já era, mas, e só.
- 213.MFBS - Daí voltaram para o Brasil? A guerra terminou, vocês voltaram?
214. JW - Voltamos, mas terminamos, fomos num quartelzinho lá longe uns sete, oito quilômetros. Ficamos perto do navio para embarcar. Ficamos uns sete, oito dias lá e depois pegamos o navio e viemos embora.
- 215.MFBS - Direto a...
216. JW - Viemos reto pro Rio de Janeiro ainda.
- 217.MFBS - E depois?
218. JW - Depois, nós estávamos prontos pra vir pra casa. Nós estávamos lá no Rio. Nós estávamos em cinco. Digo: "Escuta aqui, nós vamos embora hoje, vamos" Então daí pegamos a passagem e fomos pegar a roupa porque nós paramos longe uns quinze quilômetros mais ou menos do quartel, da cidade.
- 219.MFBS - Sim.
220. JW - Daí pegamos as passagens, fomos lá pegamos a roupa e chegamos ali, pegamos o trem e viemos pra São Paulo. Ficamos cinco dias em São Paulo. Quando veio o trem pegamos as roupas e pulamos em cima do trem. Eles vieram sem pagar nada e nós pagamos as passagens.
- 221.MFBS - As passagens?
222. JW - Certo. Mas que viemos embora, viemos reto.
- 223.MFBS - Direto a Passo Fundo?
224. JW - Certo. Passo Fundo. Hei,! Nem foi em Passo Fundo! Desembarquei aqui na Estação.
- 225.MFBS - E veio pra casa?
226. JW - Daí vim pra casa.
- 227.MFBS - E assim, aconteceram mortes, a perda de algum amigo?
228. JW - Dois, dois ficaram no navio. Morreram.
- 229.MFBS - Na guerra não?
230. JW - Não, não. Na guerra, daqueles que foram não ficou um lastimado. Nada. Nada. Nada.
- 231.MFBS - No navio de volta?
232. JW - No navio de volta morreram dois.
- 233.MFBS - Por outras doenças?
234. JW - Claro! Eles sofriam da... Não sei do que eles sofriam...E daí eles morreram...
- 235.MFBS - E foram jogados no mar?
236. JW - Foram pra água.
- 237.MFBS - Está bom, daí o Senhor chegou e voltou pra casa dos seus pais?
238. JW - Certo. Eu vim, vim pra casa.
- 239.MFBS - E depois assim, da sua volta da guerra, então, o Senhor se casou? Foi depois da...
240. JW - Sim. Depois, dali um ano e pouco que eu casei. Depois que eu vim da guerra.
- 241.MFBS - E como é o nome da sua esposa?

João Wilton

Localização do município de Getúlio Vargas dentro do estado do Rio Grande do Sul

